



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE  
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**O FENÔMENO DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO AVA-GUARANI DE AÑHATETE**

**CAUÊ DUARTE REAME**

Foz do Iguaçu  
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL  
LATINO-AMERICANA**

## **O FENÔMENO DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO AVA-GUARANI DE AÑHATETE**

**CAUÊ DUARTE REAME**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana..

Orientador: Prof. (titulação)

Foz do Iguaçu  
2024

CAUÊ DUARTE REAME

**O FENÔMENO DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO AVA-GUARANI DE AÑHATETE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Villagra Carron  
UNILA

---

Prof. Dr. Danielle Michelle Moura de Araujo  
UNILA

---

Prof. Dr. Clovís Antonio Brighenti  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho a um olhar mais atencioso sobre temas sensíveis, pois esses são os que mais precisam de olhares, e normalmente, os que não recebem.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimentos são sempre um assunto delicado, pois existe o risco de ser excludente ou talvez não conseguir expressar o bastante em palavras os gestos que me foram tão cruciais, de toda forma deixar de fazê-lo seria um grande descaso, afinal, diversas pessoas participaram na criação do meu próprio ser, seus conselhos, risadas e mesmo desavenças, são os elementos principais da experiência humana e formação do ser humano que eu sou hoje, se a influência de outros impacta algo tão existencial quanto meu próprio ser quem dirá um trabalho acadêmico.

Portanto devo agradecer três pessoas que me ajudaram imensamente neste trabalho, o professor e orientador Rodrigo Villagra Carron, que sem sua ajuda pessoal o trabalho jamais teria sido possível, seu incentivo para viver o campo e ter contato direto com o que é a experiência antropológica ficarão marcados para sempre em minha memória, você me mostrou que a gente não exerce antropologia mas sim vive ela, meus mais sinceros agradecimentos.

E claro esse trabalho jamais seria possível sem as discussões instigantes e provocadoras com meu amigo de infância Lucas Pires Botta, jamais teria desenvolvido o interesse que tenho pelas temáticas e teorias utilizadas no texto, seu incentivo para mergulhar em temas difíceis e não se deixar intimidar por eles foi crucial, portanto meu mais sincero obrigado, meu velho amigo.

E não poderia faltar Hellen Naara, minha companheira, que me ajudou nos momentos de desespero e sempre me apoiou para fazer esse trabalho, muito obrigado amor.

*Não há pontos de vista sobre as coisas—as coisas e os seres é que são pontos de vista.*  
**Deleuze**

## RESUMO

O trabalho foi feito a partir da permanência na comunidade de Anhetete, sendo a pesquisa de cunho qualitativo com entrevistas e dados coletados para o entendimento do fenômeno do suicídio, buscando compreendê-lo tanto em nossos termos quanto nos termos indígenas. A pesquisa evidencia a natureza multifacetada do fenômeno, indicando que é uma consequência de situações sociais complexas e ataques as estruturas da sociedade guarani, o fenômeno é tanto coletivo como individual porém, o rompimento das estruturas que compõem a formação do ser guarani (devir), se mostra central no suicídio. Este sendo um problema comum na modernidade, ganha dimensões completamente novas no mundo indígena, compreender a cosmovisão guarani, tanto quanto suas estruturas de perpetuação e percepção sobre o tema, se torna a chave para entender o fenômeno do suicídio e suas elevadas taxas no mundo originário.

**Palavras-chave:** suicídio; guarani; cosmovisão; devir.

## RESUMEN

El trabajo fue realizado a partir de la permanencia en la comunidad de Anhetete, siendo la investigación de carácter cualitativo con entrevistas y datos recolectados para la comprensión del fenómeno del suicidio, buscando entenderlo tanto en nuestros términos como en los términos indígenas. La investigación evidencia la naturaleza multifacética del fenómeno, indicando que es una consecuencia de situaciones sociales complejas y ataques a las estructuras de la sociedad guaraní. El fenómeno es tanto colectivo como individual, pero la ruptura de las estructuras que componen la formación del ser guaraní (devenir) se muestra central en el suicidio. Siendo este un problema común en la modernidad, adquiere dimensiones completamente nuevas en el mundo indígena. Comprender la cosmovisión guaraní, así como sus estructuras de perpetuación y percepción sobre el tema, se convierte en la clave para entender el fenómeno del suicidio y sus elevadas tasas en el mundo originario.

**Palabras clave:** suicidio; guaraní; cosmovisión; devenir.

## ABSTRACT

The work was carried out based on the stay in the Anhetete community, with qualitative research involving interviews and data collected to understand the phenomenon of suicide, seeking to comprehend it both in our terms and in indigenous terms. The research highlights the multifaceted nature of the phenomenon, indicating that it is a consequence of complex social situations and attacks on the structures of Guarani society. The phenomenon is both collective and individual; however, the breakdown of the structures that make up the formation of the Guarani being (becoming) proves central to suicide. This being a common problem in modernity, it takes on completely new dimensions in the indigenous world. Understanding the guarani worldview, as well as their structures of perpetuation and perception of the theme, becomes key to understand the phenomenon of suicide and its high rates in the indigenous world

**Key words:** suicide; guarani; worldview; devir.

## Mombyky

Ko tembiapo ojejapo oñepyrûvo comunidad Anhetete-pe, upepe aha apytajepi xamoi Vicente Bogado rogape. Umi mba'e ojekua'seva ha ojehekava, ñemongeta rupive ha jehecha jehai rupive, ha'e mba'erepa heta hapicha ojesuicida, ha umiva ojekua'ase mokoive lado, juruahaicha ha indigenahaicha. Jahecha pyre ko jekua'aseva rehejape la suicidio ndojehechukai ñandeve peteicha térã oreko heta mba'e rehegua. Ha heta mba'e ivai ha ipohuiva okapeguava ojopy guarani teko ha tekohape, ha upevare la suicidio oikohagua ojetopa umi mba'e ojopyva tapyharei téra hetahaicha ha comunidadhaicha. Teko pora, aguye ha pya guasu gueroja oñembuairamo, teko asy okapegua rupive, ogueru katuete suicidio. Koa problema oikovoi ha jehecha oparupi jurua apytepe, ipyahuete jahecha oikohaicha indígena apytepe. Tekoteve ñamaña porã ha ñemoarandu guarani rekore ha arandure, ha mba'eicha ha'ekuera oiko ha ohecha koa mba'e ikatuhaguaicha ñaentende juruahaicha mba'erepa oiko meme ojesuicida.

**Añetefi:** ojesuicida, guaraní, teko, aguye gueroja.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> – Autor : Hellen Naara 2023, Opy de <i>Anhetete</i>	21
<b>Fotografia 2</b> – Autor : Hellen Naara 2023, sobrinho do Xamoi Vicente Bogado, <i>Anhetete</i>	23
<b>Fotografia 3</b> – Autor : Hellen Naara 2023, <i>Xaryi</i> pitando	24
<b>Fotografia 4</b> – Autor : Hellen Naara 2023, Violão mbaraka pytä no opy	26
<b>Fotografia 5</b> – Autor : Hellen Naara 2023, <i>Xamoi</i> Vicente Bogado	29
<b>Fotografia 6</b> – Autor : Hellen Naara 2023, autor pitando o <i>petyngua</i> no opy	32

### MAPAS

<b>Mapa 1</b> -Mapa continental guarani	16
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2. A IMPORTÂNCIA DO <i>OPY</i></b>	<b>21</b>
<b>3. VIOLÊNCIA: EXTERNA E INTERNA NA COMUNIDADE DE <i>ANHETETE</i></b>	<b>37</b>
<b>4. PERDA DA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DO DEVIR</b>	<b>50</b>
<b>5. O SUICÍDIO COMO CONSEQUÊNCIA</b>	<b>56</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>62</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

Para se começar qualquer trabalho é necessária uma noção nítida do tema abordado, portanto esta introdução será um misto de contexto histórico, etnológico e psicológico, sobre as temáticas centrais, que serão apresentadas ao longo do texto, juntamente, com meu objetivo e metodologia em relação ao trabalho.

Guarani, palavra antiga perdida no tempo, há muito esquecida por aqueles que a utilizavam pelo seu significado original, “guerreiro”, como a maioria dos nomes utilizados pelos povos indígenas atualmente este não é o nome original do grupo étnico, e sim o nome que lhes foi dado, no caso, por uma interpretação errada muito provavelmente. Caso comum nas Américas quando os colonizadores chegaram, seja por compreensões errôneas seja por perguntar a vizinhos que não incomumente compartilhavam rivalidades, e por tanto, proferiram insultos que eram tomados como nomes, assim aos poucos essa palavra foi se tornando identitária de um dos maiores e mais bem distribuídos grupos étnicos da América do sul.

Direcionamos nosso foco de volta à questão sumária, quem são os Guarani? Originalmente um dos maiores grupos da América do sul tendo membros desde o mundo amazônico até o Gran Chaco sul-americano cobrindo um vasto território, difícil dizer exatamente a extensão do território devido ao grande intercâmbio populacional dentre os *tekoha*, assim como o surgimento e o desmantelamento de vários outros *tekoha*.

Palavra guarani, traduzida para vila, povoado etc, porém literalmente significa local da vida ou “lugar donde vivimos según nuestras costumbres” (MÈLIA, 1997, p. 105) implicando que sem território não há possibilidade de vida, aqui teremos uma discussão falando sobre tradução evidenciando seu caráter ressignificador antes de em fato traduzir literalmente, discussão está que não cabe no texto, porém vale a menção.

Os dados do IBGE de 2022 mostram 1.693.535 mil indígenas sem especificar quantos destes são guaranis, é muito difícil identificar precisamente a população ainda mais quando está se localiza em diversos países da América da latina, como Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia, fica impossível determinar com precisão, ainda mais considerando o intercâmbio constante dessas pessoas.

Quando pensamos ao longo da história o total da população

(quantos eram), as dificuldades se acentuam ainda mais, a falta de resquício de produção material ou interesse das nações ao longo dos anos por parte das sociedades colonizadoras e subsequentemente dos estados-nações sul-americanos em coletar este tipo de informação, de quantos eram e quantos são é inconclusivo, existem alguns dados vagos onde somente no País, há 57 mil guaranis, conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2010) há indígenas guaranis vivendo na Argentina, Bolívia e no Paraguai. Na Bolívia, há 25.000 mil indivíduos (INE, 2022). No Paraguai, existem 73.607 mil (INE, 2022), e na Argentina, 68.968 mil, (INDEC, 2005) mas claro dado os motivos listados acima, e mesmo com a recente atualização dos dados ainda falta precisão nos censos indígenas e dos dados de alguns países, portanto, falta de sincronidade para se ter um panorama completo em nível regional da população guarani continental é inconclusivo presumir um número exato, também sabemos que em relação a outros grupos étnicos este é um dos maiores, não só no Brasil mas também em outras nações.

Etnicamente quando dizemos guarani estamos nos referindo, atualmente, aos três subgrupos que sobreviveram à colonização o processo de formação dos estados nação e os governos ditatoriais militares, sendo eles: *Ava*, *Kaiowa* e *Mbyá*, havendo espaço de debate sobre os *Kaiowa*, que se identificam primariamente enquanto *Kaiowa* e secundariamente enquanto guarani.

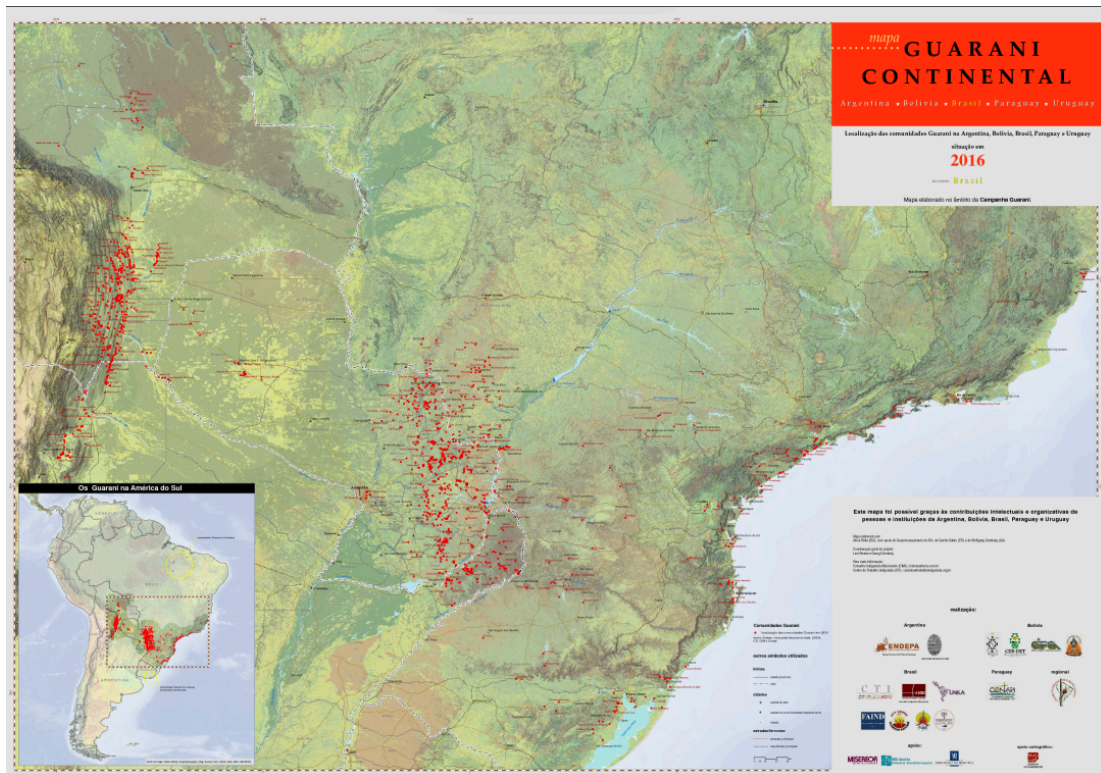
No passado podemos imaginar os guarani como um grande grupo étnico que não se identificava como um todo porém partilhavam características linguísticas e culturais semelhantes, com a colonização doenças extermínio ativo e outros fatores foram reduzindo essa população, dessa redução surge estes três subgrupos, que pelas pressões modernas se juntam como um todo para fazer suas reivindicações políticas perante o mundo não indígena.

Existem alguns relatos que mencionam dois grandes caciques da época da colonização, Cacique Guairá e Cacique Paragua, que tendem a mostrar uma origem mitológica moderna dos Guarani. O mito tem diversas variações, porém a mais popular é a de que Paragua casou suas filhas com os espanhóis e seus netos se tornaram os paraguaios enquanto que Guairá não aceitou a presença dos europeus na região e se isolou nas matas, seus descendentes viriam a se tornar os *Mbya*, *Ava* e *Kaiowa*, essa versão varia de grupo para grupo porém mantêm estes elementos, alterando eles conforme os interesses sócio históricos de cada grupo, com isso temos uma versão mitológica da origem dos guaranis modernos:

Luego de realizar un análisis de los argumentos de los relatos de la historia del Cacique Guairá y del Cacique Paragua, hemos encontrado que los mismos pueden agruparse siguiendo cuatro tipos de narrativas: 1. Relatos en los que se enlaza la historia del Cacique Guairá y del Cacique Paragua con una antropogonía mítica; 2. Relatos en los que se menciona al Cacique Guairá o al Cacique Paragua como protagonistas de la historia y se menciona además hechos históricos en los que se sitúa a estos personajes como protagonistas de los mismos; 3. Relatos que sirven para demarcar las fronteras identitarias entre el propio grupo y otros grupos, ya sean otros Guaraní o los no indígenas. Y 4 relatos que sirven para legitimar la posesión de las tierras por parte del grupo (BOGADO, 2014, p 36).

Observando do trecho podemos notar a variação dos relatos, porém é interessante perceber como os guarani recentes se vem e se compreendem em relação aos eventos da colonização, como constroem sua identidade perante os acontecimentos históricos e outros grupos guarani, entendo este relato como uma explicação moderna da origem dos guarani pelos guarani, em relação ao mundo indígena e não indígena, que varia dependendo das concepções de cada grupo.

Temos uma noção então de quem são os atuais guarani, grupos étnicos, e de onde vem, sua grande distribuição geográfica e apesar de não termos números exatos temos a noção de que são muitos indivíduos que pertencem ao grupo, com isso temos um retrato aproximado de que pessoas falarei durante o trabalho, agora necessito fazer um novo recorte evidenciando qual parcela deste grupo o foco da pesquisa está direcionado.



Fonte: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/america-do-sul/mapa-guarani-continental-2016>, mapa continental guarani.

De acordo com Vicente o rezador ava guarani com quem passei a maior parte dos dias nas visitas de trabalho de campo, hospedado em sua residência, originalmente eram da região de onde o lago da ITAIPU foi construído entre 1975 a 1982. Na época havia cerca de 32 *tekoha* guarani na região, dos quais parte foi dizimada, parte venderão as suas terras com a promessa de receberem terras oficiais pela ITAIPU, algo que aconteceu anos depois, porém era muito menor que as terras que já possuíam, assim fazendo com que parte dessa população migrasse novamente, dando origem aos *tekoha* da região, e a outra parte fez uma migração forçada com medo da violência, o grupo de Vicente foi parte que fugiu da violência, na época moravam em um *tekoha* chamado Jacutinga, segue seu relato: “Um dia chego uns jagunço e falo, ‘ou sai ou agente mata todo mundo’ ai fomo pro Paraguai que tinha parente lá, eu era criança nessa época” (Notas do trabalho de campo, mês 11 de 2023)..Viveram bons anos no Paraguai até que viessem a terras brasileiras novamente, ao chegarem foram para o *tekoha* Ocoy nas cercanias do Município de São Miguel, porém o local sofre de superlotação e na época estavam

brigando por mais terras, que depois de muita disputa e luta com a ITAIPU para cumprirem seu acordo e após 22 anos foi concedido uma reserva indígena em 1997 da onde foram fundados dois *Tekoha*, *Anhetete* e *Itamarã*, a família de Vicente e mais outras 19 migraram para lá onde residem até hoje.

Então estamos falando deste grupo ava guarani que possuem esse longo passado de migrações forçadas e violências exercidas por parte do Estado, e muita pouca reparação, a média das pessoas trabalha nas cercanias, principalmente na empresa LAR cortando frango ou no colégio indígena fazendo serviços como faxineiros ou em melhores situações como professor de guarani, possuem alguma ajuda da ITAIPU para o cultivo, sendo essa uma atividade que de longe não sustenta as pessoas do povoado, a cidade paranaense mais próxima é Diamante do Oeste, de onde existe uma grande hostilização dos moradores para com a população indígena local, histórico comum de cidades pequenas e de recente colonização, que possuem população indígena próxima, devido à crença de que os indígenas trazem atraso no desenvolvimento local, e neste caso em particular o estigma de bêbado é bem utilizado para se referir a população indígena, pelos moradores da cidade.

Com isso temos um contexto sucinto da história, etnologia e situação atual dessa população, mergulharemos agora no contexto mais direcionado a psicologia que será necessária para a abordagem do fenômeno suicídio, extremamente presente em populações indígenas, aonde muitas vezes supera de longe as taxas nacionais.

Muito errôneo pensar que uma área do conhecimento humano é homogenizada, não existe um consenso na psicologia sobre o tópico do suicídio, com isso em mente vamos as linhas de pensamento sobre o suicídio, e as duas áreas de pensamento que mais impactam o tema. Como toda psicologia, existe uma grande linha divisória entre as psicologias técnicas e as psicologias críticas, que dentro de si terão diversas sub áreas, as primeiras costumam ser tributárias de um modelo biomédico de compreensão da saúde humana, baseada nas ciências cognitivas tradicionais, ditas computacionalistas, nas psicologias evolutivas são aliadas à neurociência moderna.

Elas, as psicologias técnicas, costumam conceber que todo suicídio é multifatorial e não causal, linear, nesse sentido, não tem muito um esforço específico de explicar, não tem causalidade que explique, eles costumam lidar com o suicido como uma tragédia pessoal, geralmente resumindo ele à morte causada em

situações de crise extrema, ligada às psicopatologias ou outros transtornos psiquiátricos.

Nesse sentido, essa psicologia está sempre pensando o suicídio como algo a ser combatido a partir dos diagnósticos psiquiátricos de maior risco, mas a partir do momento que acontece, é isso, se encerra sem mais nada a dizer sobre o tema colocando todo o fenômeno na esfera pessoal ou da tragédia, interpretada como uma força aleatória e incontrolável que o mundo exerce sobre seus indivíduos, sobre a qual não há nada a se fazer sobre.

A contrapartida disso são as psicologias críticas, que geralmente costumam levar o social como um campo anexo ao psicológico e biológico, não só como complemento, mas como fundamental, às vezes até prioritário, este sendo as bases que utilizarei no trabalho.

O suicídio continua sendo multi-determinado, complexo e dolorido, mas ele escapa o âmbito da tragédia pessoal do ser, entendido como um fenômeno primeiramente social e depois individual, a partir daqui terá algumas bifurcações nas linhas teóricas, e portanto uma explicação breve sobre as mesmas.

Os marxistas vão falar de condições socio-historico-materiais de existência e opressão, e daí nascem algumas ideias que se repetem, vão falar dos efeitos da opressão e da escassez no corpo e na subjetividade, adoecendo o corpo social, aí já acontece um deslocamento importante, a psicopatologia não é a causa, é a consequência é daí que o suicídio se torna uma alternativa viável:

O indivíduo é, assim, alvo e efeito privilegiado das intervenções e investimentos da sociedade burguesa. Resultante do embate e confluência do exercício de um poder que se exerce como incitação a um modo de viver que individualiza, a experiência subjetiva da e na modernidade instaura as condições de constituição de um modo-padrão de experimentar as relações no mundo, o MODO-INDIVÍDUO. É toda uma tecnologia que toma o corpo do indivíduo para cuidá-lo, extraindo-lhe o conhecimento necessário para melhor assegurar seu funcionamento. Cria-se uma estrutura de vigilância contínua e anônima, fixando e regulando os movimentos e ações de cada um (DUARTE, 2005, p. 441).

A fenomenologia vai falar muito disso também, aliar as ideias marxistas com algumas ideias sobre o fracasso do projeto de ser, indagando o que

é, o ser, objetificado por sua posição mediante a um sistema de opressão colonial capitalista, vê o esvaziamento de seu horizonte de possibilidades, que no limite disso é o projeto de ser que só pode ser o nada, a morte, e que diferente da consciência do nada que é libertadora, perante a qual se pode ser realmente genuíno, essa é uma consciência esmagadora, o ser se encontra encurralado contra o nada, esvaziado de qualquer significado ou relações significativas:

A fenomenologia pode ser compreendida como a descrição das estruturas gerais da consciência, não do sujeito empírico estudado pela psicologia, mas do sujeito transcendental, que é a condição ONTOLÓGICA de possibilidade das experiências humanas concretas nos diversos níveis e regiões de realização da existência (NOVAES, 2005, p. 320).

A esquizoanálise, linha teórica desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995), vai ter uma visão um pouco diferente disso, a esquizoanálise não acredita na ideia de pessoa não da forma tradicional que se aborda o tema, nenhum ato é ato individual, todo ato é sociopolítico porque está imerso num grande diagrama de forças colossais que percorre todos os níveis, químicos, biológicos, grupais, sociais, ecológicos, geográficos, macro políticos, religiosos, espirituais, institucionais, materiais, éticos, estéticos, políticos, etc.

Tudo é multifatorial, o máximo que a gente pode fazer é recortes cartográficos, mapas, nos quais a gente escolhe quais estratos, quais coisas e atravessamentos demarcar, este é um conceito abordado por Deleuze e Guattari, que propõem um olhar cartográfico dos fenômenos, buscando identificar suas linhas. E ao identificar a linha de fuga, utilizá-la, para compreender o acontecimento, focando sempre nesta ótica mais pessoal e micro dos fenômenos, muito similar com a prática etnográfica, vale uma elaboração do que são as linhas de fuga, apresentada na obra “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia” (DELEUZE e GUATTARI, 1995). Essas linhas de fuga são uma forma de resistência e escape em relação às estruturas de poder e controle presentes na sociedade, no cotidiano e em aspectos de cunho cultural.

A ideia de linhas de fuga está associada à noção de “ritornelo” (DELEUZE, 1980, p. 11) que é uma espécie de refrão ou motivo recorrente que pode ser encontrado em várias formas e contextos, os indivíduos ou grupos encontram

maneiras de escapar das formas de opressão e dominação, criando novas possibilidades de existência e novas formas de ser e de agir. Essas linhas de fuga não são apenas fugas físicas ou geográficas, mas também podem ser fugas conceituais, criativas ou políticas, representando rupturas com as normas estabelecidas e os modos convencionais de pensamento e de comportamento. São formas de resistência que desafiam as estruturas de poder e abrem espaço para a experimentação e a criação de novos modos de vida.

É no meio dessa “cartografia” que o que a gente reconhece são os “agenciamentos coletivos de enunciação” (Ibidem), que são onde essas forças se acoplam, se agenciam, e fazem coisas, em outras palavras se expressam. Subjetividades e corpos são agenciamentos coletivos de enunciação, ligados às forças econômicas, espirituais, políticas, institucionais, histórico-geográficas, sociais etc, assim como jogos de futebol, escolas, cidades, casas, bairros, casais, frases, conversas, arte, é o ponto de ajuntamento das coisas.

Quando se aborda o tópico do suicídio, a gente tem de falar do corpo, porque é no corpo que essas forças se sentem, é o corpo que elas afetam, e alguns corpos, em alguns lugares, compostos de algumas maneiras, vão ser espancados, humilhados e rejeitados por essas forças, principalmente aquelas do capitalismo colonial patriarcal, ocidental, e bem, toda essa rede de agentes imateriais vive dizendo “morra”, e alguns de fato vão morrer.

A esquizoanálise é sem dúvida a linha teórica da psicologia que será utilizada, dado seu caráter interdisciplinar e similaridade com os resultados encontrados em campo, sendo o marco teórico de fora da área com maior relevância no trabalho, com isso temos todos os elementos necessários à confecção do texto, uma explicação sucinta dos contextos e teorias a serem utilizadas.

O trabalho foi efetuado, após 16 dias de pesquisa de campo na comunidade Guarani de Anhetete localizada próxima a cidade de Diamante do Oeste, iniciado no dia 22/07/2023 encerrado no dia 27/09/2023 para posteriormente ser retomado no dia 6/11/2023 e encerrado no dia 17/11/2023, a pesquisa possui um cunho qualitativo, com entrevistas e conversas com pessoas escolhidas do povoado, e a partir das suas alegações e posterior pesquisa, o trabalho combina a experiência de campo, sendo esse a maior fonte de dados, com teóricos tanto da área da antropologia como da psicologia para se tentar compreender o fenômeno do suicídio e suas implicações.

## 2. A IMPORTÂNCIA DO OPY

A palavra *opy*, lit. “interior da casa” (CADOGAN, 1992, p. 135), é etimologicamente uma palavra guarani, destina aos locais reservados para as práticas espirituais, consiste em uma estrutura redonda ou retangular, geralmente feita de madeira, sendo aberta ou fechada dependendo da influência do grupo étnico ou povo guarani, em questão (*Mbyá*, *Ava* ou *Kaiowa*) a de *Anhetete* consistia em um grande barracão localizada perto da casa do rezador, com uma porta de madeira simples sem outras aberturas, seu interior possui bancos rústicos nas laterais, feitos de tábuas apoiadas sobre tocos, em cima de um chão de terra batida vermelha, um pilar se projeta do meio do barracão fazendo a sustentação do teto, ao entrar a esquerda da pessoa se encontra a parede norte onde estão localizados os instrumentos musicais, violão, atabaque, violino, maraca, *popyguá* (duas varetas de madeira interligadas por uma corda usada para marcar ritmo) e taquara, nesta mesma parede existe um suporte para os cachimbos, e o altar guarani, *amba* – lit. “morada” (Ibidem, p. 25), esta é a configuração da casa de reza de *Anhetete*.

Fotografia:1: *Opy de Anhetete*



Fonte: Hellen Naara 2024

Ao longo do tempo o *opy*, vem sendo o último refúgio propriamente guarani, do devir guarani, é o local onde a espiritualidade, por mais que influenciada pelo mundo cristão, ainda se mantêm fortemente originária, ao longo dos dias em

que estive no *Tekoha Anhetete*, o ponto alto da rotina das pessoas culmina na reza noturna, onde se reúnem para conversar, sobre o mundano e comungar com o divino, a fronteira não sendo tão óbvia quando se faz parecer, a rotina o material o carnal estão presentes na casa de reza, coisas que tendem a ser negadas em espaços religiosos. As divindades, o sagrado, e o mundano, os dois partilham o mesmo espaço, sem uma preocupação nítida sobre pureza a não ser que isso seja necessário.

Impressionante como a espiritualidade guarani se manifesta no mundano, é um divino cotidiano e um cotidiano divino, sendo que no momento da reza, as crianças continuam brincando e rindo, as pessoas ficam conversando tranquilamente sobre o dia a dia, enquanto o divino se manifesta, apesar da aparente indiferença dos indivíduos, ele está lá ocorrendo.

O *xamoi*, - lit. avô (Ibidem, p. 166) -, está rezando, as pessoas estão performando os cânticos sagrados (*Mborai - mboraéi, poraéi lit. cantar, Ibidem, p.115*), e fora disso o mundo se mantém mais cotidiano do que nunca, até que alguém decida participar, seja cantando e dançando, ou seja, pitando o *petyngua* (cachimbo), e de súbito o cotidiano se torna divino, a pessoa se envolve na reza no canto na dança, a ponte para o outro mundo é confeccionada pela fumaça que emerge dos cachimbos, existe aqui na cosmovisão *mbyá guarani*, explicada por Cadogan, (Ayvu Rapyta, 1959), uma explicação sobre o fogo primordial (*Tatiticha*), utilizado por *Nhanderuvuçu* ou *Nhanderuguaçu (Ava)* (NIMUENDAJU, 1987, p. 135; CHASE-SARDI, 1998, p. 331) *Nhande Ru Papa Tenonde (Mbya)* (CADOGAN, 1997, p. 25), *Nhande Ramoi Jusu Papa (Paĩ Pavyterã-Kaiowa)* (MELIÀ, GRÜNBERG e GRUNBERG, 2008, p. 143) etc., na criação do universo das entidades e dos primeiros seres, este sendo a centelha criadora de todas as coisas vivas, além disso, essa centelha originária também é entendido como um símbolo de transformação, purificação e renovação. Ela é vista como uma força vital que está presente em todas as coisas e que pode ser acessada através de rituais, cerimônias e práticas espirituais, sendo o uso do cachimbo e a fumaça um desses rituais.

Fazendo com que o mundano se torna divino, através do uso do cachimbo, somente para se tornar mundano novamente, e isso aparece em várias outras situações, essa fronteira tênue entre mundano e cotidiano, como no ato de derrubar o prato de comida visto como um sinal ou aviso de que alguém está com fome, esse alguém pode ser animal, humano ou mesmo espírito. Isso me foi

mencionado em uma conversa com Casimiro, liderança guarani do *Tekoha Ocoy*, momento este que estava visitando junto com as pessoas de *Anhetete* para uma reunião dos rezadores e rezadeiras guarani.

Fotografia 2: sobrinho do Xamoi Vicente Bogado, *Anhetete*.



Fonte: Hellen Naara 2023

Essa é uma característica notável da espiritualidade guarani, ela faz parte do dia a dia, não no sentido de parar para rezar em horários determinados ou ser extremamente ritualística, mas sim que ela é cotidiana, ela é presente no dia a dia, parar para fumar o cachimbo é um ato sagrado e mundano também, pode ser feito a qualquer momento e virtualmente em qualquer lugar, está na fala das pessoas, nas histórias dos mais velhos, se reproduzindo na própria vivência, e não em um espaço determinado, ou por uma pessoa específica, qualquer um pode falar de espiritualidade, não é algo restrito ao rezador, todos tem esse poder, claro que existe um prestígio aos mais velhos, dado a experiência, o que nos leva ao ponto principal do cotidiano sagrado.

Todo idoso que frequenta uma casa de reza usufrui do mesmo prestígio do rezador em si, independente de gênero ou posição social no povoado, ser um *xamoi* (avô) ou uma *xaryi* (avó) não é somente o título do rezador ou

rezadora, da figura sagrada, pelo menos não da maneira que se é aplicado no mundo não indígena, como padre, pastor, babalorixá, imã, que é uma função, no mundo guarani é uma condição, de pessoa sábia vivida entendedora dos mistérios do mundo, um encarregado de orientar, muito associado à figura do avô e da avó, característica interessante do mundo indígena guaraní a validação de um indivíduo vem das relações de parentesco e da comunidade, se ele é capaz ou não, independe de título ou formação, e com a condição de ancião vem o respeito associado à idade, inclusive *xamoi* e *xaryi* são palavras utilizadas para se referir a figura do avô e avó, como já mencionado acima.

Fotografia 3: *Xaryi* pitando.



Fonte:Hellen Naara 2024

Não existe peso ou uma solenidade mórbida como se testemunha nos ritos tradicionais abraâmicas (islã, cristã e judaico), é leve e fluido algo que se mistura com o cotidiano, que o molda tanto quanto este o deixa moldar, a casa de reza devem o sujeito guarani o devir guarani:

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população (DELEUZE, 1993, p.11).

Ideia aqui elaborada inicialmente por Gilles Deleuze, no primeiro capítulo de “crítica e clínica” e depois no “mil platôs” junto de Félix Guattari, que se opõem a um conceito de sujeito fixo e sésil, ou que se transforma, como de um estado estático, para um momento de metamorfose para outro estado estático, não, o devir é a metamorfose, uma que anda e que não passa por mutação, mas sim é a mutação. Deleuze diz “O devir está sempre ‘entre’ ou ‘no meio’: mulher entre as mulheres, ou animal no meio dos outros” (Ibidem, p.13).

A casa de reza propicia os elementos para esse devir, aquilo que emana a identidade guarani para todos os outros campos dessa sociedade, é a partir daqui que a escola vai se tornar uma escola indígena, que o violão passa a ser um elemento da espiritualidade, é o que explica o mundo, momento da espiritualidade da cosmovisão, deles para eles, aquilo que explica o mundo e como se entender no mundo de forma guarani, ou seja, o núcleo de formação do sujeito da identidade subjetiva do devir *Nhandeva*, aqui me refiro especificamente aos ava Guarani, apesar de ser um fenômeno que afeta todos os grupos Guarani. Em *Anhetete* os mais velhos atendem por *Nhandeva* guarani que é uma nomenclatura mais arcaica, sabemos que o subgrupo guarani *Apapocúva* e outros emparentados, *Taňyguá*, *Oguaiuíva*, (NIMUENDAJU, 1987, p. 15), eram *Nhandeva*, sendo este último um subgrupo guarani que já foi chamado *Apapocúva*, que posteriormente passou a ser atendido pelo nome *Nhandeva*, e atualmente *Ava* Guarani.

Qual a diferença de utilizar este conceito, o de devir, a qualquer outro conceito de indivíduo ou ser, essencialmente nada se encaixa tão bem na capacidade guarani de tornar o mundo não guarani em guarani, eles tem uma certa plasticidade na sua cosmo concepção que permite a conversão das coisas não pertencentes, em pertencentes.

A casa de reza é um local de formação antes de exercer qualquer outra função, o local que gera o mundo guarani, onde se passa a episteme dos mais velhos para os mais novos cria o potencial do sujeito guarani, e o guia na

comunidade como membro identitário deste grupo e ser identitário no mundo, quem eu sou na comunidade e quem eu sou no mundo.

Outra propriedade espetacular do mundo guarani é sua capacidade de “ressignificação”, o mundo do branco se torna guarani a partir de um novo uso do violão ou atabaque dentro da casa de reza, “tocar de um jeito guarani” como me apontou o *xamoi* Vicente, “aqui a gente não faz música de *juruá* (branco ou não indígena) é diferente é do jeito guarani” uma ressignificação de um instrumento propriamente branco, readaptado para, não meramente participar do mundo guarani, mas sim para se tornar guarani, é um devir.

Ele deixa de ser um instrumento de branco e passa a ser um instrumento integral do mundo guarani, algo deles. Não foi readaptado, ele renasce como guarani dentro da casa de reza, isso ocorre com diversos elementos dentro do mundo guarani, palavras como “adaptação” e “ressignificação”, não fazem sentido neste contexto, o fenômeno é inegavelmente mais intenso do que isto, do que um mero uso diferenciado, é um renascimento, creio que esta talvez seja a melhor palavra que descreve o fenômeno, o objeto, traço cultural, conceito ou o que mais for, renasce para uma nova vida guarani, a serviço integral de corpo e alma de seu povo.

Fotografia 4: Violão *mbaraka pytã* (CADOGAN, 1992, p. 106) no *opy*



Fonte: Hellen Naara 2024

Uma exemplificação da intensidade de que este fenômeno pode atingir é o caso apresentado no artigo de Rose e Langdon (2011) titulado “Diálogos (neo)xamânicos: encontros entre os Guarani e a *ayahuasca*” que fala sobre o

povoado guarani *Yynn Morothi Wherá* ou *Mbiguaçu* localizada no estado de Santa Catarina, que passou a integrar a *ayahuasca*, um chá alucinógeno usado em rituais xamânicos, por populações indígenas na região amazônica, em suas práticas religiosas tornando ela uma parte integral da cosmovisão guarani daquele povoado; este é o exemplo mais impressionante que pude ouvir até o momento, evidenciando com clareza a capacidade da plasticidade da cosmovisão guarani.

Impossível falar de religião guarani sem elaborar um dos elementos matérias mais fortes dessa expressão religiosa, o *petyngua*, em português cachimbo, sua presença é tão constante que seu nome guarani ficou gravado em minha mente por simples repetição, ele é visto como a ponte de comunicação entre o mundano e o divino, através de sua fumaça ele comunica as divindades dos anseios e necessidades dos seus semelhantes terrenos, assim como pode fazer o oposto, comunicar os mortais das vontades das entidades, como exemplo o batismo, todos possuem um nome de branco, que serve exatamente para isso, para lidar com o mundo não indígena, em contrapartida, possuem um nome indígena, que o *xamoi* escuta e recebe dos filhos divinos de *Ñanderuvuçu*, que são *Karai ru ete*, *Jakaira ru ete* e *Tupã ru ete*, através da cerimônia do *Mitã ery* – nomeação das crianças - (ou *Ñemongarai*) (PITAU, 2015,) assim “*Oñemoapyka*: se da asiento, es concebido o engendrado v.g. se le provee de un asiento similar a aquel en que apareció *Ñande Ru* en medio de las tinieblas” (CADOGAN, 1997, p. 79 *et passim*), a palavra-alma original dada por aqueles deuses e vinda de sua morada para ser colocada no corpo humano toma assento como nome sagrado da pessoa.

Quando me refiro a “semelhantes” de acordo com o que me foi instruído dentro da comunidade, os humanos foram criados por *Nhanderuguaçu*, tanto guarani quanto não guarani porém os guarani são identificados como filhos diretos de *Nhanderuguaçu*, seguidores do seu caminho, enquanto o branco (*jurua*) é algum tipo de desvirtuado, que não é considerado propriamente filho do deus maior apesar de ter sido gerido por ele.

Este nome tem algumas propriedades (o nome verdadeiro), identifica quem é guarani perante as divindades logo quem são seus parentes, protege de doenças e outras mazelas, e também determina sob qual domínio de que deus ou poder maior esta pessoa estará sujeita, assim influenciando e guiando este indivíduo durante sua estada no mundo material, não à toa é conhecido dentre os guarani como “nome verdadeiro”, que também é a alma divina (*Ñe'é*) do indivíduo, muito

associada à capacidade de fala tanto que as duas palavras são praticamente sinônimos e após a morte retorna as divindades, está alma pode ser chamada de “alma divina” ou “alma palavra”.

Existe também a alma impura ou alma animal (*Tupichúa* ou *Āngue*, CADOGAN, 1992, p. 27) que é responsável pelos desejos mundanos, baixos ou violentos, está se adquire com o tempo durante a vivência na terra, através do processo chamado *Teko Asykue*, está, ficando na terra após a morte do indivíduo, podendo se transformar em um animal.

E em alguns casos há também uma terceira alma, citadas dentre os grupos Nhandeva ou Ava, em *Anhetete* me mencionarem isso vagamente, sendo a *Ayvukue-Porãve*, a “alma divina” seguida pela *Atysu-ygua* a “alma animal” e a última que é uma companheira da alma divina, se limitando somente a obedecê-la é a *Ayvukue* (BARTOLOMÉ, 1991) que após a morte do indivíduo segue como um tipo de fantasma pela terra visto como algo negativo, quase como um encosto, semelhante as perspectivas espíritas e das religiões de matriz africanas, de toda forma tudo isto é ilustrado de forma excelente por Miguel Alberto Bartolomé neste trecho:

De acuerdo con la evidencia expuesta, cada parcialidad y grupo dentro de las parcialidades poseen una forma especial de caracterizar el “alma”. Pero todas ellas coinciden en dos aspectos fundamentales: la **identificación del alma con la palabra** y la existencia de una **dualidad interior** - aun en las nociones tripartita- acondiciona los aspectos culturalmente definidos como positivos o negativos de la conducta. Otra noción compartida es considerar a los huesos humanos como receptáculo terrenales de las almas (BARTOLOMÉ, 1991, pág 85.)

Mais do que um nome é alma e nome, não sendo nem um nem outro mas sim os dois, sempre tendemos a pensar de forma fragmentada quando vemos algo, separamos as “partes” para entender o todo, geralmente em duas, porém isto é errôneo dado que é um único fenômeno, tal sua importância para o guarani que quando alguém adoece e se tenta de tudo para curar o indivíduo, e mesmo assim este não se recupera o último recurso do *xamoi* é trocar seu nome, na expectativa de que isso despiste a morte, daí em diante se evita o nome antigo para não chamar a morte de novo, o *xamoi* Vicente é um caso que isto ocorreu, tendo ficado enfermo

quando criança, sua mãe, em desespero diante na ineficiência de todos os métodos usados até então, pediu para o rezador trocar seu nome, trocar sua alma, na expectativa de despistar a morte.

Aqui vou elaborar um pouco mais a questão do nome verdadeiro, em fato o *xamoi* não possui poder de decisão sobre isto, ele é meramente um intermediário, através do uso do *petyngua* e sua fumaça ele estabelece uma linha de comunicação direta com o divino, e de lá vem o nome até ele, geralmente muito extenso o que gera um hábito curioso de apelidos dentre as pessoas da comunidade, sendo assim o guarani médio possui pelo menos três nomes, um Divino-Guarani-Identitário, outro Identitário-para lidar com o mundo dos *juruá*, e, por fim, um Apelido-Afetivo-Comunitário, logo em seu nome o Guarani já é um devir assumindo uma postura identitária diferente em relação às situações que se apresentam, íntimo, comunidade, mundo dos brancos, mundo guarani, cada qual sendo uma singularidade múltipla atada em um único corpo (mundo multifacetado), novamente é “ser” enquanto algo fragmentado e multi-identitário.

Fotografia 5: Xamoi Vicente Bogado



Fonte: Hellen Naara 2023

Existe uma potência no cachimbo de alterar a realidade, de pedir o favor das divindades em prol de alguém, quem conduz essas cerimônias são rezadores que possuem o conhecimento necessário para tal, não são todos que podem fazer isso, e pelo que pude identificar em meu tempo no campo independe

de idade ou gênero, a pessoa precisa ser capaz, mais no sentido de ser como um dom, diferente da questão de rezar ou falar de religião mais atrelado a idade, ou seja, experiência, como já mencionado.

Utilizando o cachimbo, este rezador ou rezadora, irá performar um ritual junto com outros indivíduos para tirar a doença de dentro de alguém, o rito todo leva um tempo considerável de rezas cantos e o bater da *mbaraka* - maraca - e das taquaras, operando quase que como um mantra, colocando as pessoas em um tipo de transe, que só será interrompido, quando o rezador começar a engasgar, de onde ele será ajudado pelas outras pessoas interrompendo o canto e a música, até que eventualmente este irá cuspir um objeto estranho, desde plantas a pregos ou pedaços de ossos, que é a causa da doença na pessoa. Quando questionados sobre o ocorrido me relataram que através do cachimbo eles veem um ponto escuro na pessoa e com muita reza e fumaça eles transferem o objeto do corpo da pessoa para o deles, que por fim o vomita para fora.

Todo o ponto desta narrativa é evidenciar o poder divino do cachimbo, de alterar a realidade em favor daquele que o sabe manejar, este é o objeto material de maior poder confeccionado dentre os indígenas Guarani, a tal ponto que é entendido que aquele que foga do cachimbo e de sua fumaça possui um espírito fraco ou está sob a influência de algum espírito mal-intencionado.

Em termos de conceitos, um emerge como uma canoa para navegar essa experiência complexa e difícil de se entender, o primeiro instinto é o cinismo e a incredulidade quanto a estas práticas, eu poderia argumentar sobre o efeito placebo e como mesmo sendo algo supostamente falso ainda tem seus benefícios, ou simplesmente jogar tudo na caixa rotulada “religião” e não abri-la novamente, porém, nada disso tenta entender o fenômeno, apenas o encaixa em nossos termos, há um conceito que creio eu se encaixe bem nessa situação, a realidade multifacetada de Eduardo Viveiros de Castro, consiste na ideia de que o mundo é percebido e interpretado de maneiras diferentes por diferentes grupos culturais

Como diversos etnólogos já haviam notado, mas quase todos muito de passagem, numerosos povos (talvez todos) do Novo Mundo compartilham de uma concepção segundo a qual o mundo é composto por uma multiplicidade de pontos de vista: todos os existentes são centros potenciais de intencionalidade, que apreendem os demais existentes segundo suas próprias e respectivas características ou potências (VIVEIROS DE

CASTRO, 2015, p. 42).

Ou seja, as diferentes culturas não apenas têm visões diferentes da realidade, mas também experimentam realidades diferentes, tornando esse fenômeno algo legítimo e efetivamente real dentro dessa sociedade, independente dos seus detalhes, ou da perspectiva ocidental.

O ponto de aproximação crucial que eu tive com o pessoal de *Anhetete* foi justamente o cachimbo, hábito que já possuía antes de ir para o *Tekoha*, ao me verem pitando, não lembro exatamente que momento, vieram conversar comigo e após isso passaram a me oferecer o cachimbo na casa de reza, de onde várias vezes Vicente (*xamoi*) me dizia “tem que fuma, principalmente no *opy*, cachimbo é igual um santo pra nós”, e daí em diante o mundo guarani começou a se mostrar, as pessoas passaram a me contar sobre suas vidas e vivências, a casa de reza se tornou um espaço de socialização e aprendizado para mim, após minha estadia nunca mais pitei o cachimbo da mesma forma, creio que fui afetado pela grande máquina criadora do devir guarani e agora o cachimbo possuiu outro peso em minhas mãos, um muito mais significativo e pulsante com vida.

Fotografia 6: autor pitando o *petyngua* no *opy*



Fonte: Hellen Naara 2023

Para compreender este fenômeno que é a casa de reza (*opy*) não podemos simplesmente compreendê-la como algo que exerce uma função, como que equivalente a uma igreja, por mais que seja o local destinado a fé sua influência é muito mais multifacetada que isto.

Neste ponto é muito mais fácil interpretar o *opy* como um universo próprio não como algo destinado a algo, com uma função prática específica, é o local da fé da socialização e da política do povoado, mas não como se ele transita-se dentre estes três domínios hora uma hora outro, não, ele é os três interligado rompendo com as fronteiras que delimitam o domínio de um com o do outro, um verdadeiro rizoma se espalhando sem fronteira pelos meios de reprodução social do povoado sem começo nem fim, pulsando com essa energia criadora, o produtor do devir guarani.

A partir daqui vou elaborar os aspectos, que, ao fragmentá-los de um todo, podemos ter uma dimensão melhor da sua influência na comunidade, reitero que o fenômeno em si não possui tais fronteiras, é a aquarela destes elementos e outros que podem ter me escapado ou falhado no meu crivo de importância, que compõem o fenômeno em si, e não seus “elementos”.

O espaço religioso é também um espaço social o que parece uma afirmação redundante, dado que no geral, espaços religiosos são espaços, também,

para a socialização, mas de toda forma é importante destacar, onde os núcleos familiares se encontram todas as noites, se atualizar das novidades em momento de confraternização, onde as crianças brincam e dão risadas, e os jovens se reconhecem, descobrindo quem são agora que estão envelhecendo e quem são os outros que costumavam ser crianças, tendo a supor que seja o espaço para os primeiros romances, o que como bem me apontou diversas vezes o rezador, vira um casamento muito prontamente, se der certo, pois “namorar é coisa de branco o guarani casa logo” (Notas do trabalho de campo, novembro de 2023).

Um momento para estar junto com aqueles de importância, estabelecendo ou mantendo relações significativas, extremamente essencial para o funcionamento de qualquer comunidade.

O aspecto política, neste espaço é onde as decisões dos núcleos próximos que frequentam a casa serão tomadas, ou avisos serão passados, guiadas pelas pessoas de mais influências dentro da comunidade, aqui será decidido como lidar com os brancos, o que fazer com os sujeitos problemáticos, quando será a próxima reunião com os outros rezadores desta ou de outras comunidades, quem quer receber semente da Itaipu para plantar, o que será ou não comunicado para o cacique. É aqui que a luta pela terra a batalha existencial do mundo indígena se manifesta primordialmente, aqui eu ouvi o rezador dizer “a gente conseguiu a terra, agora os mais novo tem que defender” (Notas do trabalho de campo, mês 11 de 2023) dado ao crescente desinteresse dos mais jovens pela vida política Guarani, ou seja, é o local onde decisões micro e macro, são, efetivamente tomadas.

Como mencionado brevemente acima o desinteresse dos jovens pela vida política é crescente, em fato, há pouca adesão dos adolescentes, as coisas propriamente guaranis, principalmente ao *opy* que vem sendo motivo de preocupação dentre as gerações mais velhas, a grande questão é o peso que as mídias digitais exercem sobre os mais jovens, priorizando isso as questões do povoado e da vida em geral, como trabalho, escola religião etc.

Claro que este não é um problema exclusivamente guarani é também uma questão moderna, a influência digital nas gerações mais jovens que nascem imersas nela é algo ainda a ser compreendido, dado que o fenômeno é recente, porém no mundo não indígena existem alguns recursos sociais para se barrar essa influência e até uma moderada compreensão de seus efeitos em excessos, coisa que não existe no mundo Guarani, que passou a ter acesso amplo a

estas tecnologias recentemente, os mais velhos vêm tomando medidas, porém até agora nada extremamente efetivo.

A questão se desenrola ainda mais dramática quando consideramos o grande respeito a autonomia, tão presente no mundo indígena, aqui não existe uma relação de imposição de um indivíduo sobre o outro, no geral é deixado que as pessoas descubram seus caminhos por si só, e se orienta o indivíduo somente quando este pede pela orientação, certamente, é comum “dar a entender” ou mesmo expressar sua opinião em relação a algo ou comportamento de alguém, porém uma postura propriamente restritiva ou impositiva é extremamente raro, mesmo em relação às crianças pequenas, é deixado que elas descubram o mundo ao redor, de forma mais limitada que um adulto ou adolescente, contanto tremendamente livre, comparada ao mundo não indígena.

Em um campo mais óbvio isso dificulta medidas restritivas quanto ao uso ou acesso à tecnologia dos mais jovens, favorecendo tremendamente a adição dos mais novos aos celulares e afins, e como seu uso acaba sendo irrestrito, há exposição a conteúdos nocivos é inquestionável.

Por outra ótica menos óbvia, os mais velhos relutam em passar conhecimentos e experiências etc., sem que os mais jovens peçam antes; em uma das conversas com o cacique João este mencionou seu extenso conhecimento sobre plantas medicinais, ao me mostrar sua horta fiquei admirado com seu domínio sobre as plantas senti na prática seu conhecimento pois eu estava doente e ao mencionar isto a ele, deu para mim algumas ervas para eu me tratar, passei cerca de 4 horas conversando com ele, e posteriormente perdi as gravações, feitas no celular que infelizmente, quebrou, portanto não consigo definir com precisão as ervas utilizadas.

Em questão de dois dias já tinha melhorado da febre, após isso me contou que muito provavelmente este conhecimento morreria com ele pois seus filhos não tinham interesse em aprender, novamente a questão da autonomia, e como os jovens possuem cada vez menos interesse a frequência com que isso acontece é muito baixa, o interesse no caso, tendo uma perda de saberes e histórias quando estas gerações mais idosas falecem.

Outro fator disruptivo há casa de reza é o crescente número de indígenas se evangelizando, a presença dos pastores na área é um tópico delicado, a princípio quando questionei alguns indivíduos sobre o tema me negaram afirmando que raramente ou nunca apareciam, depois de tempo de convivência e

crescente confiança mútua, chegaram a me afirmar que sim eles viam até o povoado, conversar com os indivíduos que já faziam parte da religião, e tentar agregar novos, um grande fator que gera credibilidade aos pastores é o alcoolismo, problema endêmico nos *Tekoha* que será abordado mais adiante no texto, os *xamoi* e *xaryi* por mais que condenem nunca impedirão alguém de beber, proibindo ou tirando a bebida da pessoa, a autonomia se apresenta aqui novamente, aquele com problemas de alcoolismo ira frequentar a casa de reza e continuar a beber, até o ponto que isso chega a um limite, perde emprego, relações familiares são dissolvidas, saúde aos frangalhos, eis que aparece o pastor e promete soluções, que de fato são reais dado a rede de apoio que ele dispõem, dentre os outros fiéis mesmo, e a vida desta pessoa passa por uma melhora expressiva, o pastor então ira impor algumas coisas, um afastamento da casa de reza e de elementos vistos como selvagens ou sujios, como o cachimbo por exemplo e principalmente a proibição de bebidas alcoólicas, coisas que o indivíduo ira tolerar pois de fato estão acontecendo mudanças em sua vida, que de acordo com o pastor são a divina providência, aos poucos esse indivíduo vai se afastar da casa de reza e muitas vezes passa a abominá-la, como algo do demônio ou simplesmente sem poder, se convertendo ao evangelho, disposto a aceitar o que o pastor quiser lhe dizer.

Isso corta esta pessoa do círculo social-político-identitário, do qual foi criada efetivamente, o isolando da sua própria comunidade, o dissociando do devir guarani e dos mecanismos políticos do povoado, a tendência é levar os familiares juntos, filhos, cônjuges, amigos, para um local do qual eles não realmente participam, são vistos como estrangeiros, e do espaço que de fato são originários se tornam forasteiros, isso cria um efeito de desmantelamento da estrutura do povoado, não só política mas também identitária, forjando indivíduos que não se compreendem nos seus próprios, e tão pouco nos outros, isso creio eu é um grande fator para as taxas de suicídio exorbitantes dentro do povoado, um isolamento das cosmovisões que o indivíduo foi criado e uma integração parcial na nova forma de ver o mundo.

Alguns autores abordam o tema com outras etnias como, por exemplo, essa passagem:

...enquanto o xamanismo implicaria aos seus adeptos uma continuidade com a época da vida na floresta, o modo de vida dos velhos e das forças da

natureza, as religiões evangélicas pressuporia uma saída frente ao avanço gradual da vida moderna sobre seus pequenos espaços, além dos problemas sociais e individuais que se colocam, por exemplo, corrupção, desemprego, violência conjugal, jogo e alcoolismo. Esta relação deve ser pensada enquanto da dinâmica religiosa kaingang ligada a uma problemática identitária, frente a um conflito de memória e a uma falta de reconhecimento de parte da população nacional e das elites regionais (CRÉPEAU, 2012, p. 326).

Creio ter testemunhado isto que o autor menciona, porém, com algumas coisas a acrescentar ou, ousaria dizer, até mesmo divergir, em *Anhetete*, enquanto no texto o autor vai abordar uma desconexão com o passado, e uma saída para lidar com a vida moderna, inclusive os problemas interpessoais e pessoais que a modernidade implica, no campo creio que a questão pessoal e interpessoal é a mais apelativa, os problemas como criminalidade, roubo, alcoolismo e violência sexual, foram introduzidos a comunidade através do contato com o branco, que possui uma sociedade que gera e reproduz essas violências, que a princípio eram diferentes das violências geradas pelas sociedades indígenas, que possuem uma dificuldade de processar e gerir essas violências, já que não possuem os mecanismos necessários para tal, a igreja se torna uma saída, a troco de sacrificar toda sua identidade, e claramente existe um ímpeto exploratório por parte dessas instituições em relação aos indígenas, portanto, não vi muito esse movimento de se tornar evangélico como uma saída para compreender a modernidade, mas sim como fuga de indivíduos que se tornaram vítimas das violências das sociedades não indígenas.

Colocando de forma simples, a casa de reza é o centro do mundo guarani e quando esta é deixada de lado, em prol de outro mecanismo produtor de devir, o universo inteiro deste povo começa a ruir, é só uma questão de tempo, “primeiro a religião depois a língua em seguida a terra e por fim o respeito”, tanto próprio quanto dos de fora (frase proferida em um discurso, *Ayvu* lit. fala, linguagem (CADOGAN, 1992, 35) do *xamoi* Vicente na casa de reza) e com o mecanismo político do povoado desestruturado ficam a mercê do mundo branco, que já faz de todo o possível para devorá-los.

Este é um dos pilares do mundo guarani que vem ruindo, existem outros que também estão sendo derrubados, porém este tem o peso da formação do

ser, e com este desmantelamento os outros irão na sequência sem muito tardar.

Existe uma percepção clara dos mais velhos sobre a extinção da casa de reza, que hoje discutem formas de engajar os mais jovens e proteger este local tão importante, em minhas diversas conversas com o rezador, este já expressou a preocupação de que, com sua morte, o *opy* vá com ele, o que traz muito pesar a sua mente. Não creio que exista uma associação muito clara, na perspectiva guarani, sobre as altas taxas de suicídio com a constante desestruturação da casa de reza, pois o prognóstico tende a ser muito mais apocalíptico, eles possuem uma consciência muito nítida de que com o fim da casa de reza vira o fim do guarani, isso é comentado dentre os mais velhos, que buscam formas de impedir sua destruição, sendo uma delas, o “grupo de jovens” uma iniciativa conjunta dentre os povoados Guarani, que creio ter se iniciado no *Tekoha Ocoy* mas não tenho certeza, que visa induzir mais participação dentre os jovens na cultura de casa de reza, essa iniciativa e outras serão melhores elaboradas em outro capítulo.

Reitero o papel central da casa de reza enquanto formador de devir e realidade guarani, como ancora de socialização e pivô na organização política do povoado, e dos guarani enquanto causa, principal fomentador da disputa pela terra herdada geracionalmente, é aqui que se mantêm essa realidade viva, e os ataques e desestruturações a ela influenciam diretamente em diversos outros pontos da vida do indivíduo, aqui vemos sua falta nos que terminam cometendo o suicídio, não diretamente por causa da destruição do *opy*, mas sua ressonância certamente é um dos fatores principal desse resultado trágico.

### **3. VIOLÊNCIA: EXTERNA E INTERNA NA COMUNIDADE DE ANHETETE**

Não é nenhuma novidade que os povos originários sofrem diversos abusos, os mais conhecidos são as violências explícitas (violações diretas cometidas por população não indígena) e as estatais (negligência dos direitos pelo próprio Estado), tendo seus direitos violados em plena luz do dia por parte do Estado e da população não indígena que vive aos seus arredores.

Apesar de ser uma questão que já é, sem dúvida, muito mais que centenária, a disputa por terras continua a ser a maior violência que toda população

indígena sofre, mesmo tendo território oficializado pelo governo o que é uma minoria esmagadora dos habitantes indígenas do país, os que possuem têm seus direitos violados diariamente, principalmente pelas frentes econômicas sejam elas legais ou não, a Constituição brasileira de 1988 garante o direito a terra dessas populações indígenas.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (Lei Nº 7.210/1988)..

Assim como direito a suas manifestações culturais como visto neste outro artigo da constituição brasileira.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Brasil.

§ 1º – O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional (Ibidem).

A violação desses direitos acima é o que seriam as violências estatais, com o governo brasileiro fazendo vista grossa para essas situações, sendo ele no fundo o verdadeiro carrasco do mundo originário seja pela omissão do Poder Executivo, particularmente no período presidencial passado (descumprimento do prazo para demarcação das terras indígenas, previsto no art. 67 do ADCT da CF/1988), seja pela atuação tendenciosa do Poder Legislativo (com os ataques constantes para barrar os processos de demarcação de terras e garantir a distribuição destas terras para o agronegócio, como pode ser constatado com a implantação da CPI da Funai/Incra) e, por fim, seja pelas ações de má-fé do Poder Judiciário com interpretações que subvertem o sentido da norma constitucional (como é o caso do “Marco Temporal e o Esbulho Renitente”).

Diversos são os exemplos relatados tanto por indígenas quanto por antropólogos e outros profissionais que trabalham na área, como exemplifica muito

bem Viveiros de Castro no prefácio de “A queda do céu”:

Na verdade, são os Três Poderes da nossa República Federativa que vêm costurando uma ofensiva criminosa contra os direitos indígenas, conquistados a duras penas ao longo da década entre 1978, ano do ‘projeto de emancipação’ da ditadura (o qual deu espetacularmente com os burros n’água), e 1988, ano da ‘Constituição cidadã’ que reconheceu os direitos originários dos povos indígenas sobre suas terras, consagrando e perenizando o instituto fundamental do indigenato. Esse acolhimento dos índios como uma categoria sociocultural diferenciada de pleno e permanente direito dentro da nação suscitou uma feroz determinação retaliativa por parte do sistema do latifúndio, que hoje ocupa vários ministérios, controla o congresso e possui uma legião de serviçais no judiciário. Chovem, de todas as instâncias e níveis dos poderes constituídos, tentativas de desfigurar a Constituição que os constituiu, por meio de projetos legislativos, portarias executivas e decisões tribunais que convergem no propósito de extinguir o espírito dos artigos da Lei Maior que garantem os direitos indígenas (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 19 e 20).

Todas essas violações citadas e muitas outras constituem o padrão das violências estatais sobre os povos originários, que tendem a ser recorrentes no Brasil, com essas quebras de direitos sendo praticadas pelo estado em si, isto abre brecha para a própria população quebrar a lei sem ser punida, servindo como incentivo para agir de forma violenta preconceituosa e gananciosa para com as populações originárias, essas são as violências explícitas, ataques direto as posses e a vida desses grupos.

Tudo isto colabora para um clima de insegurança e medo dentro dos *Tekoha*, existe sempre o fantasma do branco que pode surgir a qualquer momento para cometer alguma covardia, e eles sabem que dificilmente os transgressores serão punidos pelo Estado, a troco de exemplificação recentemente o *Tekoha Guasu Guavira* do Município de Guairá (PR) sofreu um atentado por parte da população branca local, no dia 10/1/2024, onde durante a reza no *opy* que estava sendo iluminado por uma fogueira, um atirador, que ainda não foi identificado, acertou três pessoas da comunidade.<sup>1</sup> Há diversos registros de violência nessa região desde

---

<sup>1</sup> Ver a denuncia em: <https://cimi.org.br/2024/01/ava-guarani-ataques-janeiro-2024/>,

que os ava guarani ocuparam esta terra, os fazendeiros locais vem usando da violência para retirar os indígenas, e somente agora depois de vários casos o Estado se pronunciou e acionou o exército.

Em resposta a este ataque uma reza guarani foi publicada para expressar as angústias e pensamentos das pessoas que passaram por essa situação traumática:

*“Jurua kuéry oipota ri teima ojekuéry ñembo’épy  
año año ña ñembo’e.*

*Oguerojeapo ey aguãre romoangeko,*

*Ñamandu Ru Ete Tenondegua!*

*Ogueropochy pa katuí jeguakáva jeayu porãngue i reko,*

*ogueropochy pa katuí jachukáva jeayu porãngue i reko:*

*Guírami ojekuéri rami ey,*

*ndoreropy yvatéi ramo,*

*ndoreywyra kuatiái,*

*kuatia arandu ndoroikuaái ramo,*

*ore kuruchu i ey ramo, je.*

*Nde ree meme rojerovia roãmy,*

*Ñamandu Ru Ete Tenondegua!*

*Ojekuéry rami tamora’eñande rerekóramo,*

*kova’e nde ere va’ekue y,*

*Ore Ru Ñamandu Ete Tenondegua!*

*A’e rami ramo jepe,*

*jeguakáva oñembo’e porã i va’e,*

*jachuakáva oñembo’e porã i va’e,*

*oecha ramo jepe,*

*oendu ramo jepe oguere katu ey va’erã,*

*ndo guero katu pyry eyi jewy,*

*ojapychaka mbaraete porã ty va’e opy roka rupi,*

*oguerojere tatachina reko achy,*

*oupi ndéwy ijyvára jerojy rupa*

*opa marangua mbytépy,*

Ywypo amboae i kuéry oguerovaé i jepi  
 u'ichi reko achy,  
 avachi vai kue i roupi i ãgua,  
 A'e raminguáre jepe,  
 u'ichi reko achy,  
 avachi vai kue i,  
 mba'eve ko nde ywy reko achy áry roechávare,  
 mba'eve ko nde ywy reko achy áry roechávare,  
 kova'e re raga ri ty ra'e  
 nde egui ore resarái kyry i va'e era y ko.  
 Kova'e ñemoingo ey aguáre jewy jewy romoangeko,  
 Ñamandu Ru Ete tenondegua!  
 A'e kuéry, oipuru ore ayvu ete i va'e  
 ore mbotawy che wy,  
 a'e wy aipo e'i Ñe egy Mbyte i, je,  
 a'e Ñe' e Rarõ a.  
 A'e rami ramo, jurua kuéry ojeawy i ramó jepe,  
 aendu vei pa i va'e.  
 A'e rami ramo ae, mbaraete ve reko rã  
 mba'e e'iuka ño eterei va'erã  
 Ñande Ru Tenonde kuéry.  
 A'e rami ramo ma, ne amba poata rei katu ey re  
 rojaeo ñendu jewy va'erã.  
 Nde ree meme rojerovia ro'ãmy,  
 nde guero chapukái,  
 Ñamandu Ru Ete Tenondegua!"

Tradução:

“Os estrangeiros, enganosamente, desejam  
 que nossas rezas sejam como suas rezas.  
 Para que não façam isso é que lhe rogo,  
 Pai Ñamandu Verdadeiro, o Primeiro!  
 Eles não gostam nada da vida que levam os bem-amados e bons *jeguakávas*,  
 elas não gostam nada da vida que levam as bem-amadas e boas *jachukávas*:

essa vida é outra vida,  
nós não temos altas casas,  
não temos livros, nem sabemos ler seus papéis sábios,  
não rezamos para os santos filhos de seus deuses  
e não temos também suas cruzinhas,  
Só confiamos em ti em nossas consciências,  
Pai *Ñamandu* Verdadeiro, o Primeiro!  
E mesmo que desejem que sejamos como eles,  
tu nunca dispuseste nada a esse respeito,  
Pai *Ñamandu* Verdadeiro, o Primeiro!  
E se as coisas estão desse jeito,  
os *jeguakávas* que rezam muito bem,  
as *jachuakávas* que rezam muito bem,  
se eles vêem  
e ouvem coisas que só os entristecem,  
nem assim ficam tristes,  
e envolvem as casas dos que ouvem palavras sagradas  
com a neblina imperfeita que levam,  
e elevam até ti o leito em que desce a divindade  
em meio a todo o mal que existe.  
Os estrangeiros trazem sempre  
farinha ruim  
e milho estragado para comermos,  
Mas nada, nada disso,  
nem a farinha ruim,  
nem o milho estragado,  
nem nada do que vemos em tua morada terrestre,  
nem nada do que ouvimos em tua morada terrestre,  
nos farão esquecer um instante de ti.  
Para que isso não aconteça é que sempre te imploro,  
*Ñamandu* Pai Verdadeiro, o Primeiro!  
Eles usam nossas palavras sagradas  
porque querem nos enganar,  
e falam que a medula da palavra-alma

é o anjo da guarda  
 Então, embora os cristãos se enganem,  
 escuto-os sem lhes dar importância,  
 Assim, para meu fortalecimento espiritual,  
 nossos Primeiros Pais  
 me farão dizer muitas e muitas palavras.  
 Por tudo isso é que te faremos ouvir  
 de novo nossas súplicas  
 em tua morada inacessível.  
 Em ti confiamos em nossas consciências,  
 em loas te louvamos,  
*Ñamandu* Pai Verdadeiro, o Primeiro!"

Declarado oralmente pelos Guarani. Tradução de L. Miranda e J. V. Baptista.

Aqui podemos notar alguns elementos, dentro da própria reza se cita a relação precária entre os *Juruá* (branco) e os *Ava-Guarani*, marcada desde sempre por muita violência, revelando a má-fé com que eles são tratados desde sempre pelos não indígenas, também existe uma certa expectativa de que os brancos agiram desta forma, no caso de forma violenta, acarretando uma desconfiança justificada, do mundo não indígena, outro ponto forte é a intolerância religiosa, evidenciada logo no começo da reza, um dos grandes motivos de violência por parte dos brancos, diversos são os ataques diretos às casas de reza e cosmovisões no geral, ou pelo mundo cristão (principalmente evangélico) ou por uma noção evolucionista de inferioridade de tais crenças, vistas como bárbaras e primitivas.

É interessante notar a perseverança diante da adversidade e violência, evidente na reza, elemento comum ao mundo guarani, existe uma perspectiva de resiliência diante dos infortúnios da vida (ou violência alheia), que creio ser uma resposta a um mundo que ativamente tenta destruí-los.

Essa reza é um ótimo exemplo de como a relação branco e indígena é marcada por violência e abuso, tudo sancionado pela vista grossa do Estado que somente intervém, quando intervém, em situação demasiadas agravadas, e, dificilmente em prol de garantir os direitos indígenas e sim em sua típica política de contenção de danos, tudo isso colabora para a violência externa que ocorre nos

*Tekoha*, diminuindo em muito a qualidade de vida dos seus habitantes assim como suas perspectivas de futuro.

Isso também gera desemprego, pois a população local não contratará indígenas, e quando o faz é sob condições de trabalho e pagamentos péssimos, e mesmo com o emprego existe há dificuldade de locomoção, dado a possíveis ataques dos vizinhos não indígenas, sendo que essa restrição afeta um dos conceitos principais do mundo guarani: *Guata Porã*, belo caminhar (LADEIRA *et. al.*, 2015), o estilo de vida guarani que envolve movimento, o viver caminhando, se conhecer partir da experiência de viajar e conhecer o próximo, sendo essa, depois da disputa por terra, uma das maiores exigências dos guarani para com o mundo não indígena, poder se locomover sem restrição pelas fronteiras. Esse é um reconhecimento de sua ampla, histórica e geografia, territorialidade regional que pode se materializar como “casa”, nos termos *juruá*, territorialidade está que compreende os países das bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai (uma espécie de passaporte transfronteiriço indígena).

Não é incomum o hábito de visitar ou passar a morar em outras comunidades que possuam parentes, assim como é um elemento importante da sua identidade, sua restrição é uma violação das manifestações culturais desse povo, que mantêm em grande estima o direito de ir e vir, ouvi diversas vezes em reuniões dos rezadores, e discursos dentro das casas de reza alegarem que fronteira é coisa de branco que indígena não possui isto.

Estes elementos todos diminuem em muito a qualidade de vida guarani, e o que por consequência direta, também suas perspectivas de futuro, colaborando para as taxas de suicídios, algo que foi comentado diversas vezes comigo durante minha estada em *Anhetete*, o desespero da violência e de ter suas terras tomadas. Quando a Itaipu removeu 32 povoados guaranis para a construção da represa hidrelétrica e construção do lago artificial, as taxas de suicídio nesse período escalaram, algo relatado pelos mais velhos, que viveram essa época, dada a súbita exposição a violência e perda das suas terras ancestrais.

Como se diz na filosofia de vida famosa em guarani “Sem *Tekoha* não tem *Teko*”, sem espaço para viver não tem modo de viver e cultura, a restrição da locomoção e a tomada de terras desse povo, assim como a violência constante por parte do governo, e população não indígena, coloca este grupo em um estado de precariedade que definitivamente nubla as perspectivas de futuro dos indivíduos,

e, sem dúvida, é um fator a se pesar na balança, quando falamos de suicídio.

A princípio quando cheguei, o povoado parecia um local tão pacato que me era inconcebível pensar que ali também é o palco de tamanha violência, claro eu já esperava alguma negligência estatal e mínima hostilização da população local, afinal no caminho todos que tinham a oportunidade de maldizer a comunidade indígena o faziam, principalmente associando eles ao alcoolismo.

Levou algum tempo de convívio para se abrirem comigo e de imediato algo se destacou dentre todas as histórias trágicas de violência que me contaram, alcoolismo, esse, sem dúvida, é um grande catalisador da violência local, claro é difícil determinar o ponto onde ela começa, como se ela tivesse começo, coisa que não tem, é muito mais fácil entender através do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari:

Não se começa nem se termina, apenas se traça uma linha de fuga, uma linha rizomática, e ela não se encontra nem no início nem no fim, nem na causa nem no objeto, mas sempre no meio, entre as máquinas, entre os termos, entre os agenciamentos, entre os corpos, entre as linguagens. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 32).

Existe a violência estatal que põem essa população em uma situação de risco, essas violações dos seus direitos pelo próprio estado incentiva indiretamente a violência da população não indígena local, que movida pelos seus interesses e preconceitos passa a antagonizar a população originária, com mais violência, o cerco vai se fechando restringindo cada vez mais esse grupo a uma situação de medo e precariedade onde a população que sofre esse tipo de pressão passa a ter comportamentos violentos, dado a frustração, precariedade econômica, medo, falta de perspectiva etc., e essa violência passa a ressoar dentro da comunidade, e posteriormente para fora dela, passando a reagir a população não indígena, se envolvendo em brigas, roubos, tanto internos quanto externos, etc.

Enfim chegando a tal ponto que ela é uma aquarela trágica, de onde não é possível distinguir onde começa uma cor e termina a outra e todas estão tão sobrepostas e interpostas que a fronteira tampouco é identificável também, e nessa panela de pressão a violência próspera não de cima a baixo ou de um lado a outro ela vive, respira, se multiplica e toma o imaginário e as ações de todos envolvidos, nublando a possibilidade de um futuro auspicioso.

De toda forma, vale adentrar mais detalhadamente nos pormenores da violência interna do povoado, como já mencionado posteriormente o alcoolismo acaba sendo central, as brigas e abusos domésticos são em sua maioria catalisados pelo consumo da substância, dentre os homens é ainda mais frequente o uso, chegando a tal ponto de gastarem salários inteiros em cachaça.

Dentre os adolescentes a questão também se apresenta, não é incomum ver os rapazes bebendo, observei isto em *Anhetete*, porém, no *Ocoy* parece bem mais constante, o abuso da substância se evidencia bastante, claro, o cigarro também se faz presente nessa equação, dentre os jovens e adultos, a uma grande quantidade de tabagistas e em proporções esmagadoras são homens.

Aos poucos vão substituindo os elementos tradicionais, e com significação, como o cachimbo e a chicha (bebida sagrada fermentada de milho ou mandioca, tradicionalmente usada nos rituais na casa de reza, *opy*) por produtos direcionados ao simples consumo, sem significação nenhuma, como a cachaça e o cigarro, o que penso eu também leva a um consumo desenfreado, já que não possui nenhuma significância ou tradição atrelado há.

Durante a reunião dos rezadores que ocorreu no *Tekoha Ocoy* no dia 11/11/2023, aonde diversos *xamoi* e *xaryi* da região com outras pessoas de suas respectivas comunidades se reunirão no *Ocoy*, para discutir especificamente a questão do suicídio, aqui ouvi relatos em primeira mão dos problemas principais sofridos pelas comunidades guarani, que possuíam representantes da Argentina e Paraguai, infelizmente de acordo com o Casimiro (liderança local) foi pouca gente desta vez, os *Mbya* da costa de São Paulo eram esperados mas não vieram, assim como comunidades no Paraguai de grande importância, enfim, três grandes rodas de conversa foram formadas: a dos rezadores, rapazes e moças, dentre as quais eram conduzidas conversas por figuras de influência das comunidades, sobre as problemáticas do mundo guarani.

Na roda dos rezadores, composta principalmente pelos mais velhos, entre ouvi conversas sobre o desinteresse dos jovens pela cultura guarani, priorizando atividades do mundo não indígena, como o futebol por exemplo, também foi abordado a questão dos vícios, alcoolismo, e outras drogas, mas principalmente a bebida, aonde diversos rezadores relataram que era um problema recorrente, que persistia devido à permissividade de algumas lideranças, que são criticados pela sua passividade ou cumplicidade com o abuso de substâncias. Também foi abordado,

em todas as rodas de conversa, a questão da saúde mental, aonde os mais velhos relataram que os jovens não iam falar com eles por vergonha, e acabavam cada vez mais se isolando e se afastando das pessoas, se envolvendo em vícios, até o momento que o suicídio ocorre. O que ficou claro para mim dessa roda é a questão da comunicação intergeracional ser falha, e abandono do modo de vida guarani em prol do mundo não indígena.

Na roda dos rapazes falaram muito do uso do celular em excesso, dos perigos de se envolver com gente que não se conhece via internet, do vício em *Free Fire* (jogo online gratuito de tiro, como aplicativo disponível para celulares) e pornografia, e o que mais me impressionou, de não ceder ao desespero, algo muito comum nas gerações mais novas atualmente, um desespero apocalíptico do iminente fim do mundo. O constante desespero existencial, porém, no caso indígena talvez isso se mostre literal, afinal, é um mundo que vem estando sob ataque desde a colonização.

Nós estamos em guerra, eu não sei porque você tá me olhando com essa cara tão simpática, nós estamos em guerra, o seu mundo e o meu mundo estão em guerra os nossos mundos estão todos em guerra, a falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é pra gente continuar mantendo a coisa funcionando não tem paz em lugar nenhum é guerra em todos os lugares o tempo todo (KRENAK, 2021).

O pensador Indígena Ailton Krenak mostra bem essa questão do ataque constante ao mundo indígena, é um povo que veem sofrendo extermínio ativo até os dias de hoje, sem contar aquilo que tenta destruir tudo que eles são o epistemicídio, com o último governo o do Bolsonaro (2019-2022), as missões evangélicas nas comunidades indígenas dispararam, descumprindo uma normativa clara da Constituição e destruindo ativamente as manifestações culturais, religiosas e cosmovisões dos povos indígenas, está é a terceira onda evangélica, sendo a primeira feita na década de 1940 pela *News Tribe Mission*, hoje *Ethos360*, grupo de fundamentalistas evangélicos norte-americanos, que possuem em sua conta diversas violações dos direitos humanos, epistemicídio, e genocídio através de contágio, e a *Summer Institute of Linguistics* (SIL) de mesmo cunho, a segunda onda é de Brasileiros evangelizando os indígenas, e a última e atual, de indígenas pastores evangelizando outros indígenas, com um foco intenso nas populações

isoladas: “Fui obrigado pelo presidente da Funai, por meio do assédio de Magno e Damares, a entrar na terra indígena com um missionário” (Tatiana Merlino, 2010). Segue a entrevista: “Disse que estava há quase 10 anos fazendo o contrário [impedir a entrada de missionários]. E o que me disseram foi que, se eu não quisesse, iriam providenciar alguém para fazer” (TATIANA MERLINO, 2010).

Relatos e entrevistas como essa, sempre existiram porém com o governo Bolsonaro isso passou a se tornar rotineiro, uma invasão direta e explícita com o intuito de evangelizar a qualquer custo as populações indígenas, sobretudo os isolados, sem a menor preocupação com a saúde bem estar e epistemicídio das populações em questão, deixando para trás traumas e desigualdade social.

Seguindo com a roda dos jovens, eles falaram bastante de não se desesperar por questões do coração o que acaba também sendo uma causa comum do suicídio, a não correspondência amorosa; foi colocado diversas vezes a questão de se comunicar, de não guardar o sofrimento só para si, de procurar ajuda e conselho dentre os mais velhos, aparentemente sendo o problema da comunicação geracional uma questão forte aqui, da mesma forma que é para os mais velhos também, caso que não é exclusivo da comunidade de *Anhetete*, segue exemplificação de uma comunidade *Paĩ-Tavyterã*, conhecidos no Brasil como Guarani *Kaiowa*.

...Según los testimonios de la propia comunidad, el motivo por el cual los jóvenes se suicidan es recurrente. En los cuestionarios y en las conversaciones durante las rondas de “tereré”, surgen como motivos principales los problemas familiares y amorosos. Los jóvenes se sienten incomprendidos, no aceptados por sus padres, sintiéndose excluidos de este ámbito familiar. “Nos retan por todo lo que hablamos o hacemos. Dicen que no ayudamos, que sólo servimos para maldades y las palabras quedan ahí. Cuando escucho todos estos retos tengo ganas de morir”. Por otro lado, los padres tampoco comprenden a los hijos y mucho menos sus comportamientos. Los reclamos son, en la gran mayoría de los casos, por cuestiones económicas: “Nuestros hijos no nos ayudan. Solo piensan en salir, en beber y escuchar música a todo volumen. No quieren trabajar ni estudiar. Viven en la calle y cuando se precisa de ellos, nunca están para que nos ayuden. ¿Entonces para qué sirven? (BELDI DE ALCANTARA *et. al.*, 2012, p. 152).

A roda das moças por sua vez, não teve muito acesso, porém entre ouvi algumas coisas, a questão da violência doméstica e sexual parece ser extremamente recorrente, ouvi relatos de mesmo cunho também em *Anhetete*, parece ser uma questão endêmica, falaram de redes de apoio e um pouco de legislação, o que acaba sendo difícil de aplicar, normalmente nos *Tekoha* primeiro tentam resolver a questão com o cacique, se isso não funciona e a situação escala, chamam a polícia, que é muito fácil de esquivar, ouvi relatos de gente que ao saber que a polícia tinha sido chamada simplesmente se escondia no mato até a poeira baixar, retomando sua vida depois como se nada tivesse ocorrido.

A violência externa e interna neste momento, sendo praticamente impossível distinguir o ponto central, de onde ela começa, o que é um esforço frívolo, pois ela já se desenvolveu em diversos aspectos e em muitas áreas do cotidiano das pessoas, tornando o combate a violência, no sentido de cortar a cabeça da cobra um pensamento ilusório, o ideal é analisar os rizomas e ir resolvendo eles independentemente, para cada qual uma solução e resposta única são necessários, pois são focos únicos.

Fica claro que a violência é algo cotidiano no mundo indígena vindo de diversas fontes, e é inegável o quanto isso diminui a qualidade de vida dessas pessoas, e que por consequência direta nubla as perspectivas de futuro, favorecendo o suicídio como saída, vale pensar na questão amorosa também, a rejeição aqui é algo muito emblemático, vários jovens, homens no geral, recorrem ao suicídio após uma rejeição, de acordo com Vicente isso acontece porque hoje em dia tão casando muito cedo e sem estrutura (casa, animais, emprego, etc.) esses jovens não tem idade para compreender algumas coisas da vida e por isso se desesperam facilmente quando as coisas dão errado.

Fica evidente a presença da violência no cotidiano, e os comportamentos distintos das gerações mais novas, que são difíceis de se entender pelos mais velhos, criando uma situação de isolamento, dentre aqueles que sofrem a violência em si e ações que os prejudicam, tornando uma saída para isso, que em uma comunidade como esta seria a sabedoria dos mais velhos, impossível, deixando completamente às cegas as gerações mais jovens.

#### 4. PERDA DA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DO DEVIR

Diversas vezes já foi abordado neste texto a importância da casa de reza (*opy*) como pilar central da comunidade guarani, assim como, a presença dos mais velhos, existem alguns elementos que são cruciais para a manutenção daquilo que é propriamente o mundo guarani, e com o passar do tempo tem ocorrido uma dificuldade cada vez maior na produção desses elementos, que por vezes são deixados para trás em prol de coisas não Guarani ou por incapacidade de produzi-las.

Ao observar isto consigo notar três principais causas para essa situação: o desinteresse crônico dos jovens pelas coisas propriamente guarani, lideranças fracas ou inexistentes, principalmente dentre os *xamoi* e *xaryi*, mas também dentre os cacicados, e enfim, a lenta e gradual morte da cultura de casa de reza. Ao decorrer deste capítulo abrirei cada um desses tópicos em busca de formar uma imagem, das causas que resultam na perda da capacidade da produção do devir guarani, lembrando que nenhum desses elementos ocorre sozinho ou de forma isolada, são fenômenos que estão interligados e corroboram um com o outro só estou separando eles para um melhor entendimento do seu todo.

Os *xamoi* e *xaryi* são os responsáveis pelo *opy* guarani, que é muito mais do que um espaço religioso, como já abordado no texto, a saúde e o engajamento das pessoas a casa de reza está diretamente ligado com o quão bem está a saúde dos mais velhos, pois são estes que zelam por este espaço, assim como possuem o maquinário epistêmico-cultural necessário para operá-lo, ou melhor produzi-lo, eles conhecem a história do seu povo suas tradições, as práticas religiosas mais antigas e como aplicá-las, assim como as lutas políticas que eles já passaram e estão a passar, eles são os bastiões de uma tradição oral extensa que sem ela muito perde seu significado, quando estes não estão bem ou começam a morrer, grande parte das tradições vão junto.

Eles fazem questão de querer passar esse conhecimento adiante, no entanto é mais sobre os jovens do que eles, que esse fardo recai, depende se as gerações mais recentes estarão dispostas a aprender as tradições guarani, existe um desinteresse crescente dos jovens pelo mundo tradicional, que está intrinsecamente ligado com o apagamento dos mais velhos, em *Anhetete* existem somente cinco rezadores, que dificilmente dão conta de toda a população do

povoado, não é incomum chamarem rezadores da comunidade vizinha *Itamarã* para participar de assuntos religiosos, pois não existem rezadores o bastante para dar conta.

Essa situação mostra que os mais velhos, e por consequência as tradições que eles carregam e representam, estão sumindo sem deixar substitutos, diversas vezes Vicente me contou que outrora, os *xamoi* e *xaryi* eram muito respeitados e que eles tinham lideranças fortes que ninguém ousava atravessar, as palavras daqueles que rezam eram levadas a sério e não só como meros conselhos frívolos.

As autoridades guarani eram poderosas e respeitadas, porém agora não o são por diversos fatores, a estrutura social e as demandas, obviamente, não são mais as mesmas, é necessário muito mais envolvimento com o mundo não indígena para sobreviver, e isso põem em cheque diversas tradições, agora as pessoas são mais autônomas, não esperam alguém para tomar decisões por elas, existem muitos relatos de corrupção dentre as lideranças também, o quão verossímil é isto não sei, assim como representantes evangélicos que não valorizam as tradições, isso tudo colabora para uma destruição da imagem dos rezadores, que passam cada vez mais a ser vistos como algo arcaico e figurativo do que propriamente algo de importância.

Colaborando imensamente para com o desinteresse dos mais jovens, que nasceram nesse ambiente onde essas figuras já são minadas, são poucos os que querem seguir a tradição e se tornar rezadores ou rezadeiras, e ainda menor ainda o tempo que esses jovens dispõem para tal formação, afinal, hoje em dia eles passam a maior parte do tempo na escola e depois disso trabalhando, quando sobra tempo para se tornar uma figura religiosa? Ainda mais que esse tipo de formação demanda sabedoria, vivência experimentação, não é algo que se aprende do modo ocidental, com aulas e livros é algo que se experiencia, não é fácil gerar novos rezadores e cada vez mais os recursos necessários para a criação deles são apagados, os processos de aprendizado e validação de alguém como detentor de um conhecimento estão muito mais atrelados a seu prestígio e parentesco dentro da comunidade, e não a um ensino um estudo propriamente, que é a principal diferença entre inteligência e sabedoria, o primeiro é associado ao estudo frio mais voltado a capacidade guardar e decorar informação, modo ocidental, o segundo se forma através da experimentação empírica, e capacidade de

articulação do que foi experienciado, enquanto experiência de vida.

Com isto temos cada vez menos lideranças especializadas no modo de ser guarani, ou entendimento de como produzir a realidade guarani seu devir, estou falando especificamente dos *xamoi* e *xaryi*, lideranças religiosas, e as poucas que existem estão desmoralizadas ou corrompidas pelo que pude entender, claro em relação ao que eles eram, pois ainda hoje possuem algum tipo de poder e influência dentro da comunidade, porém, só uma parcela comparado com algumas gerações atrás.

Parte do desinteresse dos jovens vem disso, penso eu, em uma imagem ruim ou fraca dos rezadores, fora que para eles existem outras prioridades, muito mais voltadas ao mundo não indígena do que qualquer outro. O mundo indígena em si é um lugar que cada vez mais não há espaço para os jovens, não existem muitas perspectivas para eles, hoje em dia creio que seus interesses vem se deslocando diante de toda essa situação precária, e preferem procurar outras coisas, para se dedicar, geralmente envolvendo o mundo não indígena.

Portanto essas lideranças estão sendo encurraladas pelas pressões do mundo moderno, cada vez mais lhes tomando espaço, e minando sua autoridade perante sua comunidade, sendo assim o papel dessa liderança o valor simbólico dela está cada vez mais minado e aos poucos não haverá mais gente qualificada para preencher esse papel, cortando os recursos necessários para se efetuar um ritual na casa de reza, sendo mais preciso, muito provavelmente quando isso ocorrer, não haverá mais casa de reza.

Correndo o risco de me tornar repetitivo, volto a questão da juventude e sua falta de interesse crônico, isso não é uma questão exclusiva guarani, no mundo moderno isso vem sendo cada vez mais uma preocupação dentre as gerações mais velhas, como trazer a atenção dos jovens as coisas fundamentais da vida? E tem se provado um tremendo desafio, no mundo guarani não é diferente, em um lugar onde o jovem ocupa um espaço incerto na sociedade, sem muitas perspectivas de futuro fica difícil trazer a atenção desse jovem as grandes questões guarani, como luta por terras, religiosidade, língua, etc.

Com as pressões do mundo moderno recaindo sobre eles, suas preocupações e prioridades se tornam outras e isso às vezes cria uma lacuna geracional, que dificulta o diálogo, entre as partes com experiência e a parte que muito provavelmente está passando por um momento de confusão quanto ao que é

e o que quer, foi algo muito abordado na reunião com os rezadores, a dificuldade de diálogo, muito em parte pelos jovens não quererem conversar com os mais velhos.

Isso é um fator crucial para o desmantelamento das estruturas que garantem os elementos tradicionais guarani, se não houver mais gente interessada em praticar a *xondaro* (dança *xondaro*, aparente corruptela da palavra ibérica “soldado”, é um tipo de dança tradicional), e ser parte assim da *xondaria* (o conjunto de mulheres que tocam o *takuapu* e os jovens de ambos sexos que acompanham as rezas dos *xamoi*, *xaryi* e seus ajudantes principais), ela não tardará a acabar, simples dessa forma, quanto mais distantes as novas gerações estão das antigas, maior o desinteresse pelas tradições, que é precisamente o que vem acontecendo, e assim aos poucos, por pura e simples falta de prática, o conhecimento dessas tradições será perdido e não haverá mais práticas delas.

Os jovens se veem cada vez mais interessados no mundo não indígena, e passam cada vez mais a se envolver e querer ser parte dele, porém esse mundo os rejeitou seja por suas condições financeiras, ou seja, pelo fato de serem indígenas, tentativas de exploração e abusos são cometidos contra esses jovens, quando os mesmos se expõem a um mundo que está pouco interessado em quem eles são, e mais em como utilizá-los, bloqueando mais uma perspectiva de futuro para este jovem que já não quer mais participar do seu mundo, e agora fica sem para onde ir, em uma espécie de limbo, tentando conciliar um mundo hostil e violento e o outro que não possui muito espaço para si, aos poucos esse indivíduo vai se diluindo diante da falta de perspectivas e relações interpessoais significativas.

Esse é um dos processos penso eu que nubla a perspectiva de alguém que está em um momento aonde tudo que precisa é exatamente disso, perspectiva, o abandono sistêmico das tradições é um dos grandes fatores para o suicídio, como demonstram esta pesquisa, ele consta dentre os principais fatores mencionados em uma grande coletânea de artigos relacionados sobre a temática.

Os estudos associaram os dados encontrados com fatores de risco (tabela 4) identificados em estudos antropológicos e de observação-participante. Pobreza, fatores históricos e culturais, baixos indicadores de bem estar, desintegração das famílias (24), vulnerabilidade social (28), falta de sentido de vida e futuro (30), escassez de terras, dificuldades no gerenciamento de conflitos entre gerações, afastamento dos jovens das atividades tradicionais de subsistência e ter um familiar que morreu por suicídio (32) foram

apontados como motivadores para as altas taxas de suicídio nos povos indígenas. Cinco estudos (25, 28, 29, 31, 32) demonstraram que o álcool pode estar relacionado aos suicídios nas aldeias. Em nenhum estudo foi citada a presença de transtornos mentais associados aos comportamentos suicidas nos indígenas (SOUZA *et. al.*, 2020, p. 3).

O desinteresse dos jovens vem de pressões modernas para um estilo de vida diferente do que seus pais estão acostumados, o que cria um distanciamento geracional que retroalimenta cada vez mais o afastamento dos jovens das coisas propriamente guarani, assim como pouco espaço e incerteza desse espaço, ocupado nessa sociedade, o que leva o jovem a buscar esse lugar no mundo não indígena, afastando ele ainda mais das questões tradicionais.

Aos poucos isso colabora cada vez mais para a deterioração do seu bem-estar, levando até o momento do suicídio, ou quando não a um indivíduo que não participa da sua vida comunitária, colaborando para o esquecimento de tradições importantes desse povo, sendo esse, o jovem sem interesse, um dos principais fatores para a perda da capacidade de reprodução cultural, e isso por sua vez um grande fator para as taxas de mortalidade por suicídio.

Existe todo um universo ao redor do *Opy*, que os guarani chamam de cultura de casa de reza, (*opy reko*), que envolve desde os rituais as danças, rezas e simples frequência ao espaço que são compreendidos como cultura da casa de reza, existe uma noção clara dentre os mais velhos de efetuar um fortalecimento dessas práticas, para que não se perda o *opy* e suas tradições e relações, e de forma contrária existem essas práticas pois é um espaço extremamente ameaçado.

Outro elemento fatídico é a perda dessa cultura, dessa tradição, os Guarani chamam de cultura, porém eu tendo a observar que eles se referem mais como uma tradição, e é interessante ver essas pessoas reconhecerem isto como algo único e deles e que necessita ser defendido, a capacidade de continuar a produzir as tradições, os hábitos, não iguais, mas dentro dos seus próprios termos, sem ser subjugado pelo externo, no cotidiano, está intrinsecamente ligado com a capacidade de continuar a produzir esse devir tradição, (repare que falo produzir, não reproduzir, pois devir não é repetição), o que gera essas coisas é muito mais complexo do que se dá crédito por, desde os mais velhos a própria casa de reza, são elementos produtores dessas tradições, e o ataque constante e

desmantelamento desses espaços, mata a capacidade de se gerar tradições, nos seus próprios termos, fazendo com que o hegemônico subjuguem essa forma não hegemônica de criar.

Se removerem os mais velhos e a cultura de casa de reza, aos poucos as tradições vão cessar de existir, pois estes são os seus elementos produtores que o permitem continuar a criar, que o fazem presente no cotidiano, não basta o fenômeno existir somente no “seu espaço”, não, é algo que ocorre a todo momento em todos os âmbitos da vida cotidiana, se manifesta em diversas camadas, pessoal, religiosa etc, no próprio jeito de se observar a vida, no subjetivo de cada um.

Com o avanço constante dos evangélicos sobre os indígenas, a primeira coisa que acontece é cessar a frequência na casa de reza, daqueles que se convertem, os evangélicos são um grande fator quando falamos em perda de recursos culturais, mestres no epistemicídio, como seus ascendentes remotos os jesuítas, usam da sua influência para destruir qualquer resquício de religião ou tradição que não seja cristã ou ocidental, são sem dúvida um dos grandes fatores na perda da máquina produtora do devir guarani, substituindo uma forma múltipla criadora e contra-hegemonia, por uma hegemônica subalternizante, colocando os guarani dentro da lógica ocidental, branca, científica, e claro na posição mais baixa. E a tendência é cada vez mais tomarem espaço dentro a população de *Anhetete*, inclinada cada vez mais a adentrar esse mundo estéril, se colocando em um local de subalternização.

O que torna uma cultura (seja lá o que isso signifique) o que ela é, é sua episteme, o mundo metafísico que compõem esse universo, não é uma perspectiva é o próprio universo, completo e fechado, uma realidade por si só, e para que isso ocorra é necessário que ela aconteça no cotidiano das pessoas, passe pelo dia a dia, um ótimo exemplo disto é o *petyngua*, cachimbo, um elemento muito central no mundo guarani porém sem a capacidade de se plantar e processar o próprio tabaco, é necessário comprá-lo dos brancos, e as vezes não há essa possibilidade, impedindo uma noite na casa de reza.

Ou seja, não poder plantar o próprio tabaco é algo que implica, na execução do rito religioso desse povo, pela falta de tempo, interesse e acessibilidade as sementes, as pessoas preferem comprar esse recurso, o que as torna dependentes do mundo branco para performar seus rituais mais sagrados,

sendo que o tabaco também, como as folhas da erva mate, são sagradas.

Estes são somente alguns dos elementos que estão sendo prejudicados no mundo guarani, o desmantelamento das suas estruturas epistêmicas é um grande passo para a incapacidade de se produzir as tradições, elas persistiram enquanto aqueles que a experienciam e por consequência a produzem, ainda respirarem, porém, com a dificuldade cada vez maior de se produzir essas práticas e de conseguir o engajamento dos jovens a tendência é que seja suplantada pela contraparte hegemônica com o decorrer dos anos.

## 5. O SUICÍDIO COMO CONSEQUÊNCIA

Pelo que pude observar dos casos em questão, o suicídio de maneira geral se manifesta enquanto uma causa multifacetada e é interpretado como uma escolha individual trágica, sem se aventurar muito nos porquês ou causalidades, a população local geralmente vai entender o fenômeno como uma escolha individual e portanto algo autônomo.

Basta um pouco de observação e conversas para notar que em muitos casos vai além do indivíduo sem, claro, excluí-lo totalmente, existe uma parcela grande de agência do indivíduo no fenômeno do suicídio, porém é irreal ignorar os diversos fatores sociais que possam estar o afetando.

Dos fatores individuais que pude notar, desilusões amorosas vem em primeiro como maior causa, principalmente dentre os homens, para ser honesto, no geral é um fenômeno que acontece muito dentre a parcela masculina e jovem da população.

Os estudos encontrados ([tabela 3](#)) mostraram maior frequência de suicídio em pessoas do sexo masculino (24-26, 28-32), solteiros (27-29) e com 4 a 11 anos de escolaridade (28). Lazzarini et al. (24) destacam que a taxa de suicídio no sexo masculino (107,5/100.000) excedeu o dobro da taxa no sexo feminino (41,7/100.000). No contexto do suicídio entre crianças indígenas, diferentemente do observado em outras faixas etárias, encontrou-se uma tendência de magnitude igual em ambos os sexos (32). (LAZARINI *et. al. apud* SOUZA *et. al.*, 2020, p. 3).

Mesmo sendo um estudo em escala nacional e abordando diversas etnias o padrão se repete na comunidade estudada, sem dúvida a parcela masculina é notoriamente mais suicida que a feminina, um dos poucos relatos de suicidio

feminino que ouvi ( que são mais difíceis de encontrar) ocorreu, devido a “marcação” dos familiares da moça, que faziam de seu passatempo atormentá-la, as brincadeiras chegaram a um pináculo e ela tirou sua vida no banheiro enforcada, método comum de suicídio dentre os guarani, dado que a alma da pessoa está associada a palavra e a voz, ou aquilo que fala, é o lugar obvio aonde atingir.

Pude notar dois campos aonde o suicídio se manifesta em *Anhetete*, no campo individual e no campo social, claro que eles não se restringem a suas “caixas” em fato, eles se intercalam interagem se embrenham, evidenciando uma situação complexa e multifacetada, porém vale notar que as causas sociais transcendem as barreiras étnicas e de espaço, enquanto que as causas pessoais cabem ao âmbito de cada universo particular que é o indivíduo. Dentre as causas sociais ou coletivas que mais afetam o mundo indígena estão: abandono das tradições indígenas, consumo abusivo de álcool e/ou abuso de drogas, falta de acesso a educação e trabalho, vulnerabilidade socioeconômica, instabilidade emocional dos jovens, confinamento territorial e reassentamentos, violência sexual, aproximação da população urbana, fragilização cultural, exposição a meios letais, imposição religiosa e cultural, ter um familiar que morreu por suicídio, casa como local para planos suicidas. Todos esses dados e causas concorrentes foram retirados do artigo de Lazarini *et. al.* (*apud* SOUZA *et. al.*, 2020), são uma coletânea de pesquisas que falam sobre suicídio no mundo indígena, e essas são as principais causas de suicídio indígena ao redor do Brasil, apontadas pelo artigo, creio ser um bom parâmetro para ter uma noção das causas sociais do fenômeno.

Podemos notar que dentre as causas sociais algumas delas foram abordadas ao longo desse texto, sendo as que eu pude observar durante a pesquisa de campo como as principais causas na comunidade de *Anhetete*, estas: abandono das tradições indígenas, consumo abusivo de álcool e/ou abuso de drogas, vulnerabilidade socioeconômica, instabilidade emocional dos jovens, violência sexual, fragilização cultural; como mostrado no texto acima, ao destruir estruturas antigas responsáveis pela formação do devir guarani diversas outras estruturas importantes começam a ruir junto, causando um efeito domino dentro da comunidade, o que leva a atitudes cada vez mais catastróficas no âmbito pessoal, como violência e abuso de substâncias, corroborando para o suicídio.

Apesar de o suicídio ser compreendido como tragédia pessoal e

escolha individual, existe um nascente pensamento dentro das comunidades guarani que este fenômeno deve ser combatido coletivamente, através de grupos de conversa e apoio dos mais velhos para com os jovens, isso ficou evidente nas grandes rodas de conversa que pude testemunhar, eles estão organizando o que chamam de “grupo de jovens”, como uma tentativa de resolver essa situação frequente.

Através de conversa e conscientização estão tentando tirar os jovens dessa posição de vulnerabilidade e com isso proteger o legado milenar dos povos indígenas, transformando o *Opy* em uma ferramenta de conscientização e apoio, esses eventos focam em tentar solucionar essa problemática através da conversa, utilizando do *Opy* e da religião como um espaço de terapia, abrindo um canal de comunicação direta dos jovens com os velhos e dos jovens entre eles.

Essas medidas estão se provando bastante eficientes pois quebram a cadeia de isolamento auto imposto pelos jovens e sustentada pelo respeito à autonomia, que acaba funcionando contra os indígenas nessa situação, criam um espaço seguro de conversa onde ninguém interfere diretamente na vida alheia e tomada de decisões de ninguém, assim possibilitando uma forma de falar sobre algo delicado e mostrar que seja quem estiver passando por isso, não está sozinho e que os mais velhos possuem experiência e orientação para guiar essas pessoas nesses momentos complexos e conturbados, assim como abrindo uma oportunidade dos jovens mostrarem suas preocupações e novos interesses, que são, na maioria das vezes incompreendido pelos mais velhos.

E por ser dividido por gênero abre espaço para as mulheres falarem dos abusos e violências domésticas, o que normalmente é impossibilitado, sendo algo que ocorre por familiares próximos e no ambiente doméstico, deixando a vítima sem lugar para fugir ou com quem falar sobre, com a roda de conversa esse indivíduo encontra um espaço longe daqueles que praticam a violência, para dialogar e eventualmente encontrar soluções que possam ser aplicadas.

Estas são as soluções encontradas pelos guarani, ao utilizar de grandes eventos, *Aty Guasu*, como essas reuniões de rezadores, diversas pessoas de diversos lugares desde a tríplice fronteira até o estado de São Paulo e Mato Grosso, podem se encontrar e colocar em perspectiva as aflições que vem passando sem ter medo de represálias ou vergonha de ser afligido por essas

situações, que no fim, são um problema moderno a ser enfrentado por praticamente todo grupo Guarani, por mais que varie nas causas é fundamentalmente um problema coletivo, que está começando a ser enfrentado como um problema coletivo.

Não sei dizer se existe uma consciência explícita do quão coletivo é essa questão porém, certamente estão caminhando para uma conclusão que chega a essa resposta, o coletivo no caso, querendo ou não, é um fenômeno recente o suicídio dentre os jovens, e como é uma situação multifacetada e zona de intercessão entre o mundo moderno e o tradicional, é difícil localizar a fonte exata do problema e combatê-lo, para ser honesto não acho que exista uma fonte, serão necessários anos de trabalho coletivo dentre os *Tekoha* para conseguir uma solução mais definitiva.

Quanto ao Estado não vejo nenhum movimento significativo para resolver a problemática, não existem iniciativas cunho nacional de para amenizar ou resolver a situação, creio que é algo ativamente ignorado pelo mesmo, dado a dificuldade de se resolver algo assim. Sempre existiu passividade por parte do Estado em relação ao mundo indígena, as violações são diversas, principalmente no âmbito da terra e sua distribuição, quem dirá políticas de qualidade de vida, isso, com certeza, é a última coisa que passa no meio estatal, porém, sem qualidade de vida, uma comunidade doente e cada vez mais soterrada em problemas psíquicos, causados por vício, vulnerabilidade social, violências físicas e epistêmicas não há como essa população continuar a existir, é necessário, políticas para lidar com essas violências que acabam sendo a estrutura do suicida.

O suicídio é uma consequência não o fenômeno em si, como já abordado, existe uma parcela que recai no âmbito pessoal, porém mesmo esses casos são consequência de um meio social desestruturado, tomemos por exemplo o caso de suicídio por questões amorosas, ocorre principalmente dentre homens jovens que sofrem uma rejeição da pessoa que nutrem afeto, e como uma resposta a isto recorrem ao suicídio, seria muito simples pensar que isso é do âmbito pessoal, uma tragédia do indivíduo, no entanto, quando perguntei a questão com o rezador, este me falou que os jovens estão casando muito cedo, que outrora era necessário possuir casa, alguns animais, garantias de estabilidade antes de o casamento ser aceito, era necessário a aprovação da família de ambas as partes, hoje se passa por

cima de tudo isso, já que não existe mais uma autoridade que impeça um casamento apressado, isso creio eu afeta as instituições do grupo, ignorando elas completamente, deixando essas pessoas por um lado mais livres por outro completamente desamparadas, se as coisas dão errado.

Ou seja, existe um fenômeno social que no caso é o enfraquecimento da instituição e práticas tradicionais do casamento e estabelecimento do parentesco dentro dessa comunidade, que, sem dúvida, afeta o indivíduo, já não é mais possível afirmar que é uma causa exclusivamente individual, o suicídio é uma consequência multifacetada de situações aonde as estruturas sociais instituições, cosmovisões, tradições e práticas estão sendo sistematicamente destruídas, o que naufraga os indivíduos dessa comunidade em um mar instável e violento sem ter aonde se apoiar.

Quando falamos de suicídio no âmbito indígena, isso jamais pode ser desconsiderado mesmo as situações que parecem mais individuais e particulares, aos meus olhos, possuem um plano de fundo que é a desestruturação da episteme comunal desse grupo, um ataque direto ao que torna o mundo, mundo guarani.

É um ataque, está ocorrendo nesse exato momento, nunca deixou de acontecer, desde dos primórdios da história do mundo indígena com o mundo europeu e colonial, houve ataque e extermínio ativo por parte dos europeus, e isso se perpetua e reproduz na sociedade atual, porém o campo de batalha é outro agora, você não ataca mais o corpo, você ataca a mente, tira o essencial para se ter uma vida com significado e profundidade, priva essas pessoas de suas próprias cosmovisões, de tudo aquilo que possibilita esse grupo ver o mundo da forma particular que todo grupo tem, enfureço o que estou falando, com uma citação de Deleuze: “Não é que as coisas e as pessoas possuem pontos de vista-as coisas e as pessoas são pontos de vista” (DELEUZE, 1988, p. 203).

Destruir a episteme, abalar as estruturas de qualquer comunidade não hegemônica, e com isso eu quero dizer não branca, ocidental e científica, é sem sombra de dúvidas um extermínio, ativo e planejado, os recursos para se impedir esse tipo de situação existem, porém somente o mínimo será dado sem nunca se preocupar com o que torna esse povo tão particular.

Creio que os guarani possuem uma percepção deste fenômeno e

montam diversas iniciativas, nas palavras deles “para proteger nossa cultura” onde são cada vez mais bem-sucedidos em manter o que é importante para eles, e o que é mais crucial, preservar os mecanismos de produção cultural continuar a manter ritos e tradições milenares nas gerações mais jovens, não falo em nenhum momento aqui de aculturação, não, inclusive a plasticidade da cosmovisão guarani, e ousar dizer indígena, é o que tem mantido eles vivos até agora, porém falo dessa forma de ver o mundo desse universo, não é uma mera perspectiva é uma realidade por inteiro, que está sendo diretamente ameaçada por diversos fronts, como cupins o mundo hegemônico, vai ruindo os pilares que possibilitam essa plasticidade, para que absorvam o mundo hegemônico sem passar pelo processo de devir guarani, sem antes tornar em algo deles.

O suicídio é a consequência da ruptura do devir guarani, daquilo que protege e produz o mundo a forma guarani, a própria plasticidade, aquilo que interage com o de fora e o metamorfoseia em algo guarani, reitero, não estou falando em nenhum momento de aculturação ou algo semelhante, mas sim da iminente ameaça da destruição do formador de mundo guarani, daquilo que permite o contato com o de fora sem ficar a merce dele, o fim disso, pelo que pude observar é o que acarreta os altos índices de suicídio dentro da comunidade indígena, e que torna identificar esse fenômeno tão complexo.

Os guarani intendem que está havendo um ataque e com os poucos recursos que possuem estão combatendo esse ataque metafísico, fortalecendo suas estruturas e lutando contra, então sim creio que a população de *Anhetete* compreende o fenômeno do suicídio, tanto em termos não indígenas, como saúde mental ou depressão, quanto em termos indígenas com o ataque as casas de reza e pouca adesão dos jovens as coisas propriamente guarani, e caminham cada vez mais para a conclusão de que a melhor forma de combate ao fenômeno é socialmente, enquanto grupo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria tremenda a prepotência de afirmar que em um mero trabalho eu conseguiria entregar uma resposta concreta sobre algo como o suicídio, e isto sem considerar que é o suicídio no meio indígena elevando as complicações de se compreender o fenômeno consideravelmente, porém, creio que fui claro ao evidenciar o caráter multifacetado do suicídio e seu cunho extremamente social, diretamente atrelado ao desmantelamento do devir guarani, a ideia do texto é mostrar que por mais que pareça ser algo individual, e é também, existe um grande fator social por trás, diretamente ligado as particularidades históricas desse povo, mais precisamente a violência estatal, e os ataques aos grandes formadores do devir guarani, aquilo que possibilita contato e absorção de elementos estrangeiros sem ficar a mercê deles, e acima de tudo o quão multifacetado e não linear é este fenômeno, tornando uma compreensão e posterior solução muito complexas, e mesmo com esse caráter ilusório do fenômeno os guarani tem uma boa compreensão e domínio da situação, abordando ela tanto através do seu mundo quanto do mundo não indígena.

Isso é um trabalho direcionado em uma comunidade específica, e penso ser a única forma de se compreender e lidar com essa problemática, fazendo um recorte cartográfico específico e tratando parte por parte individualmente e como um universo em si mesmo, claro que esse universo interage com outros e pode até ser uma consequência direta de outro fenômeno, porém para lidar com esse emaranhado de rizomas, somente, fazendo cortes e tratando os particularismos de cada situação como um universo próprio com começo meio e fim em si mesmo.

## 7. REFERÊNCIAS

ANA MARIA JACÓ-VILELA; ARRUDA, A.; FRANCISCO TEIXEIRA PORTUGAL. **História da psicologia : rumos e percursos**. Rio De Janeiro: Nau Editora, 2013.

BARTOLOMÉ, MIGUEL ALBERTO. **Chamanismo y Religión entre los Ava-Katu-Ete**. Biblioteca Paraguaya de Antropología, Vol 11, Assunção: CEADUC

**IBGE**. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102018>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

**INE: Instituto Nacional de Estadística**. Disponível em: <<https://www.ine.gov.py/>>.

**Instituto Nacional de Estadística**. Disponível em: <<https://www.ine.gob.bo/>>.

**INDEC: Instituto Nacional de Estadística y Censos de la República Argentina**.

Disponível em: <<https://www.indec.gob.ar/>>.

IRMA TUESTA CERRÓN. **Suicidio adolescente en pueblos indígenas**. [2012,p152.].

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: [[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)]. Acesso em: 14 de abril de 2024

CADOGAN, L. **Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá**. Asunción: CEPAG-CEADUC, 1997.

CADOGAN, León. **Diccionario mbya-guaraní castellano**. Fundación" León Cadogan", 1992.

DELEUZE E GUATTARI, GILLES E FÉLIX. **Mil Platôs**. 2 edição-2011. São Paulo: EDITORA 34.

DELEUZE, GUILLES. **Crítica e Clínica**. 1 edição 1997: São Paulo. EDITORA 34.

DAVI KOPENAWA et al. **A queda do céu : palavras de um xamã yanomami**. São Paulo, Sp: Companhia Das Letras, 2016.

Guarani. Tradução de L. Miranda e J. V. Baptista.

Tatiana Merlino, [Evangelizar acima de tudo: o cerco aos índios isolados](https://outraspalavras.net/outrasmidias/evangelizar-acima-de-tudo-o-cerco-aos-indios-isolados/), disponível em:

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/evangelizar-acima-de-tudo-o-cerco-aos-indios-isolados/>, acesso 10/04/2024.

Guerras no Brasil: Episódio 1 - Guerras da Conquista". [Documentário]. Netflix, 19 de abril de 2021.

POMPA, Marcelo Bogado. Cacique Paragua/Los descendientes del Cacique Guairá

y del Cacique Paragua, em Suplemento Antropológico...

Rose, I. S. de; Langdon, E. J. Diálogos (neo)xamânicos: encontros entre os Guarani e a ayahuasca. Mana: Estudos de Antropologia Social, Quinta da Boa Vista - Horto Botânico - São Cristóvão. CEP: 20940-040 / Rio de Janeiro, p. 1-32, 15 de fevereiro de 2010.

Socioambiental.org.MapaGuaraniContinental.Disponívelem:

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/america-do-sul/mapa-guarani-continental-2016>. Acesso em: 11/03/2024.

SOUZA, R. S. B. DE et al. Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 44, 29 jun. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas Canibais. São Paulo: Ubu, n-1 edições, 2018